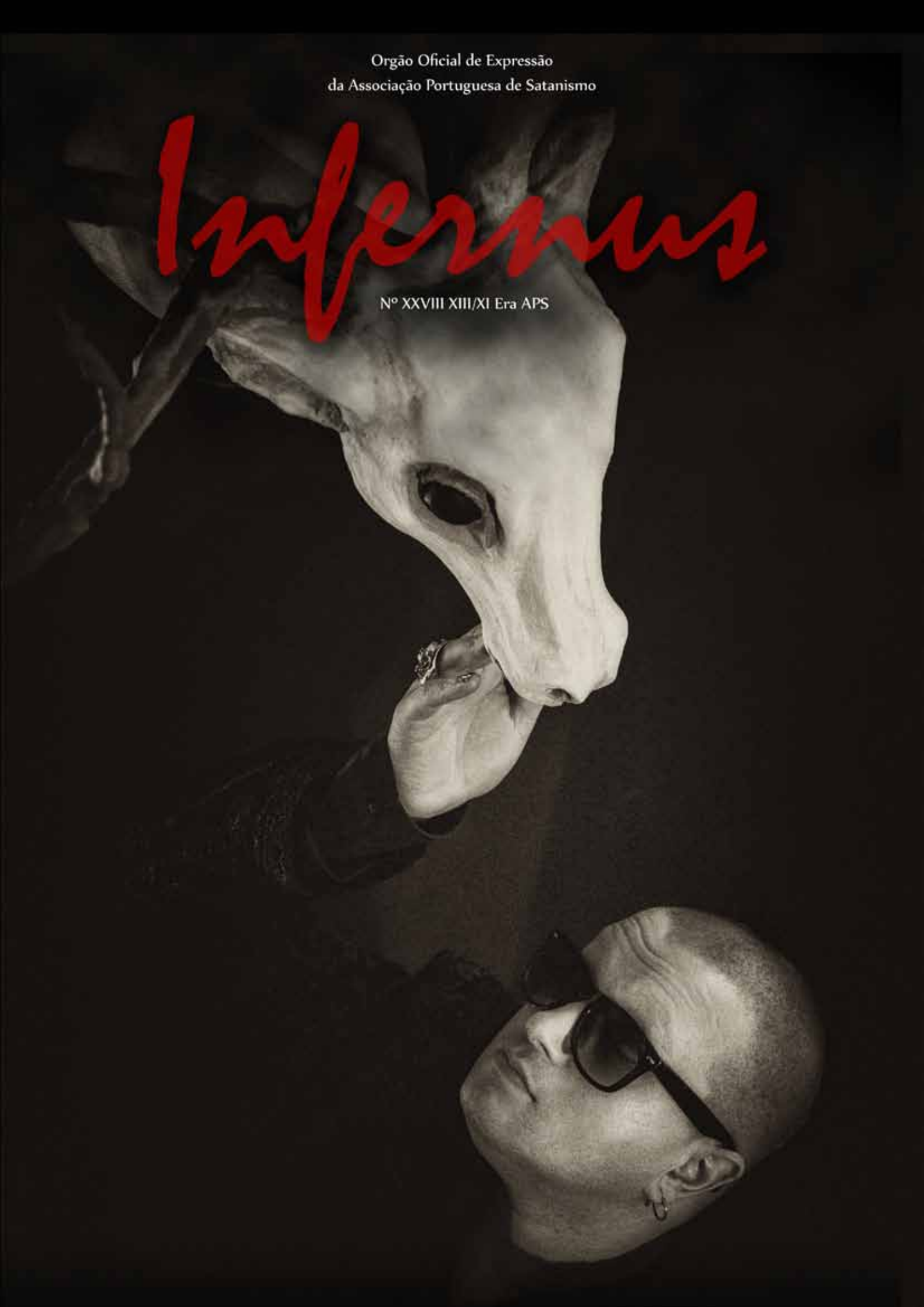
Orgão Oficial de Expressão
da Associação Portuguesa de Satanismo

Infernus

Nº XXVIII XIII/XI Era APS



Cartoon-h-ell

King Chaos

Ficha Técnica
Infernus nº XXVIII

Editor: Mosath

Produção: Fósforo, Colectivo Criativo

Equipa Editorial: Black Lotus, BM Resende, King Chaos, Lurker, Metzli,Outubro

Colaboradores: Adamastor, Charles Sangnoir, Fátima Vale, José Macedo Silva, Júlio Mendes Rodrigo, Luis Couto, Luisa Demétrio Raposo, Lupum,Paulo César

Revisão: Metzli

Créditos das Imagens:

Págs.1, 17, 19, 21: Eva Plaisir - SinVision
Pág.4: Andrea de Pascalis
Pág.6, 7: Francesco Parisi
Pág.8: Otto Rahn
Págs. 3, 9, 29, 30, 32, 34, 35: Laetitia Mantis *laetitiamantis.wordpress.com*
Págs.10, 12: Bruno Miguel Resende
Pág.15: Mosath
Pág.16: Ângela Mendes Ferreira - *www.angelamferreira.me*
Pág.22: Paulo César - *www.paulocesar.eu*
Págs.24, 31: Diogo Sousa - *dipiriri.deviantart.com*
Pág.25: AssassIIn - *fabiopoupinha.pt.vu*
Pág.26: Edições Mortas
Pág.28: Luis Macedo Tavares

Editorial

Mosath

Uma nova edição da *newsletter* "Infernus" acaba de surgir! Bela antítese para um produto de diversos interesses. A temática que nos move, desta vez, é a Problemática das Escolhas.

O Equinócio da Primavera é sempre um período em que nos ocorre a ideia de florescimento. Mais concretamente, criação. Sendo esta a primeira edição de 2013, ano convencional ou data convencional para este ano, urge passar a mensagem de que os nossos colaboradores e leitores continuam fortes e dinâmicos para a construção de novas edições, edições que nem sempre são simples de terminar. Entre o começar e o terminar vai um mar de distância. Quantos não são aqueles que começam, mas que não terminam alguma coisa? A escolha recai em cada um: terminar ou não o começado. Deste lado, termina-se! Cria-se, portanto. Numa sociedade que vocifera que o mais simples é largar as coisas e meio, se possível, ao invés de ir socando as dificuldades até terminar-se a empreitada, o gozo de vermos mais uma edição "Infernus" concluída é multiplicado!

E a Primavera faz com que me lembre de multiplicações. A vida é isso mesmo, apoiada nas suas múltiplas escolhas, nos seus múltiplos problemas que apresenta, nos seus múltiplos caminhos. Vermos a Primavera que chegou e contemplarmos o seu brilho nos múltiplos e nas multiplicações da vida é, francamente, delicioso, engrandecedor. Cada um irá, depois, perseguir os que escolhe, os que deseja. E isto é tão aprazível, tão satânico e tão natural que faz com que todo o trabalho e todo o cansaço sejam, afinal, belas tatuagens de sabedoria.

Nesta edição, que se quer orientadora do facto de que cada indivíduo gere e escolhe os caminhos que acredita serem os seus, colhendo daí frutos e também calhaus, após ter passado largos momentos de dúvida, ter realizado inúmeros rituais de motivação e ter descansado sob rostos de sofrimento, tenta reunir-se artigos de opinião sobre estas abordagens àquilo que se escolhe e àquilo que não se escolhe, histórias curiosas e cativantes, no mínimo energéticas, dos nossos colaboradores e contribuidores. Fica todo e qualquer leitor convidado a ler e a fruir da essência problemática e igualmente construtiva de cada um dos textos. Após tal acção, poderá entender aquilo que realmente importa na caminhada de cada um, sem que isso atropele visões ou opiniões numa outra faixa de rodagem. O trânsito é caótico, as escolhas também o são, com certeza, mas o horizonte de chegada tem sempre todo o combustível do mundo à espera!

Escolher dói a todos nós, assim tal como acontece a pensar. Pensar e escolher dói, mas antes a dor do que a imobilidade; o eco sem sensação; o torpor. Venha a dor, venha a escolha!

Destaco a presença de duas muito agradáveis entrevistas, a presença de textos de Bruno Miguel Resende, de Outubro e de outras mentes brilhantes e inquietamente criadoras, assim como de um belo e libidinoso contributo de Luísa Demétrio Raposo, autora portuguesa com uma voz de um erotismo literário que é loucamente inesquecível e agregadora. Ingredientes para o bolo que se quer construir para a mudança do mundo, Mundo, MUNDO. Nada falta para uma edição marcante, de forma a rimar com a problemática central: o que escolher?

Boas leituras!
Até ao Solstício de Verão! •

ÍNDICE

Na Corte de Lucifer ---------- 4
Júlio Mendes Rodrigo

Santo Orifício (parte 2) ---------- 9
BM Resende

Théa,
No Hiemal Jardim Separado -------- 13
Luisa Demétrio Raposo

Entrevista a Charles Sangnoir ------ 17
Mosath

A Consciência da Escolha ---------- 22
Adamastor

aequus nox ---------- 24
Fátima Vale

As escolhas
e a manipulação da ilusão ---------- 25
Luís Couto

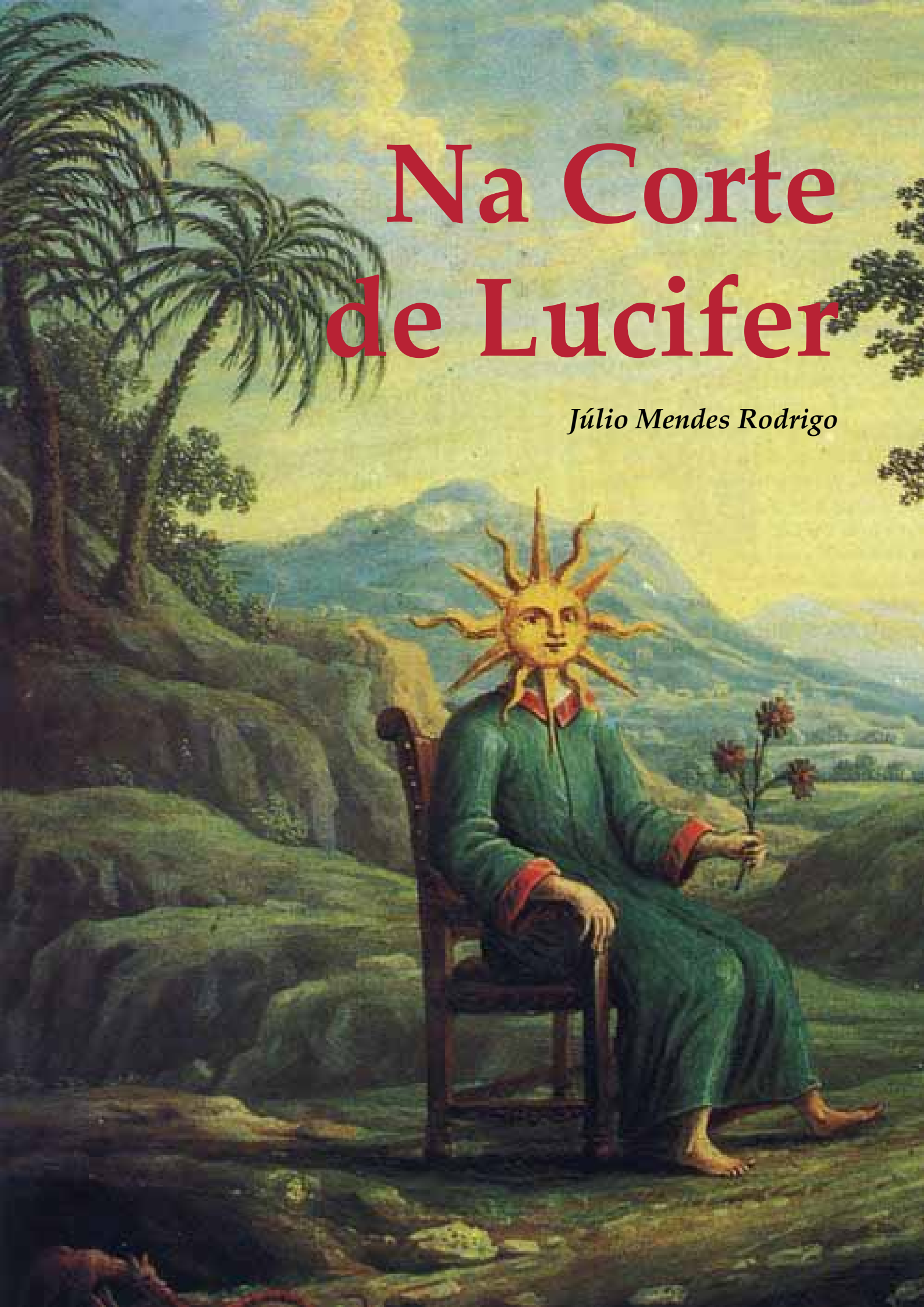
Entrevista
a António da Silva Oliveira --------- 26
BM Resende

Livre arbítrio;
Dom ou maldição? ---------- 28
Metzli

Escolho o condenado
que vive em mim ---------- 30
José Macedo Silva

Aleatoriedade no que escolho ------ 32
Lupum

Lilith - A Gafe do Criador IV -------- 35
Outubro



Na Corte de Lucifer

Júlio Mendes Rodrigo

"Lucifer, a quem chamas Lucibel, não é, para ti, o Diabo? Quem é, então Lucifer ..."

"– Lucifer, é a natureza tal como a vês em ti, à tua volta e acima de ti. É duplo: é a Terra sem luz, e também o Céu de Luz, que dispensa a vida.

– Lucifer é vosso Deus?

– Porque falas de Deus e não de Divindade? Esta noção de Deus implica uma representação pessoal. Os meus contemporâneos alemães, deverias sabê-lo, chamam sempre à divindade das Gott. Os conceitos bíblicos, quer queiram quer não deformaram o vosso espírito.

– Lucifer é, então, a vossa divindade?

– Não, é um mediador.

– O homem necessita de um mediador?

– Sim, mas não de um mediador que o liberte: de um mediador que se apresente simplesmente como modelo e como exemplo. Lucifer é também o Sol. Necessitas dele para ter vontade de viver, e também para aceitar morrer… No Inverno, o Sol morre., Na Primava renasce e renova-se. Traz consigo a luz da vida e a certeza que é o contrário da incerteza.

– A certeza do renascimento?

– Sim, se preferires, seria mais correcto dizer: a vitória sobre a morte, a imortalidade. "

OttoTTO RahnAHN – Diálogo com o Cátaro em " A Corte de Lucifer" (1937)

Em 1937 o alemão Otto Rahn publica o seu diário de viagem intitulado "Luzifers Hofgesinde" (A Corte de Lucifer), obra editada em Portugal no ano de 2002 pela Hugin e com uma notável tradução a cargo de António Carlos Rangel. Como a referida editora cessou actividades e como a obra em questão se tornou um item de alfarrábio, entendo como importante resumir aqui as suas premissas essenciais que nos possibilitarão um enquadramento da mesma face ao ambiente político e cultural em que foi produzida, bem como entender a percepção do fenómeno cátaro por parte do autor ao serviço do III Reich:

1º A obra exalta a excelência da raça ariana, considerando que os judeus são os inimigos irredutíveis da raça eleita.

2º Numa perspectiva metafísica, o Deus dos judeus, ou seja, Jeová, é um demiurgo cruel e injusto que venceu Lucifer, tendo-se apropriado da sua Coroa.

3º Lucifer não é Satanã. Mas sim o deus que os Antigos adoravam na qualidade de Sol e os Trovadores na de Amor. É o príncipe da beleza, do heroísmo, da coragem desesperada, da revolta, bem como da alegria de viver e ainda Força da Natureza. Para Rahn este verdadeiro Sol, é o Sol do Norte, aquele que se encontra ligado à lenda da Ultima Thule. Assim se compreende a exaltação do Apolo Hiperbóreo que, de acordo com teoria do Gelo Eterno de Hans Horbiger, revaloriza o Gelo luminoso e o Sol frio da meia-noite árctica.

4º Os cátaros odiavam Jeová e adoravam o Sol: faziam, portanto, parte dos "cortesãos de Lucifer".

5ºNesta que é talvez a obra que reúne o mais assertivo ataque contra a religião cristã em geral e o catolicismo romano em particular, sobressalta a ideia de que "A Corte de Lucifer" reúne todos os homens que acreditam nas virtudes do sangue e na superioridade da raça ariana sobre todas as outras. Reúne também, todos os povos que tomaram o partido de Lucifer contra Jeová, e que por conseguinte, trabalham para eliminar da Terra a influência conjugada dos cristãos e dos judeus, ou seja a de Cristo e a de Jeová. Estes seriam substituídos por um neopaganismo adorador do Sol e das forças cósmicas, alicerçado através de uma moral naturalista. Uma moral luciferina próxima da de Nietzsche, exaltando a submissão lúcida ao Destino, e também a energia à Coragem. Em suma, uma moral criadora dos heróis, procedendo à divisão entre aqueles que merecem o nobre Inferno e aqueles que merecem apenas o Céu dos cobardes.

Ex Essentia Diaboli (Rex Mundi)

Em termos muito gerais, e à guisa de introdução à "heresia" em análise, ocorre-me como pertinente estabelecer umas breves linhas de apresentação do movimento que dá pelo nome de Catarismo. Este é o termo que designa a doutrina dos cátaros, - também designados como albigenses, em virtude da cruzada que contra eles foi efectuada em 1209 -, um movimento religioso de cariz gnóstico que desde meados do século X até à alvorada do século XIII, se disseminou pelo sul de França. O Catarismo contém influências quer maniqueístas, quer bogomilas, esta última com origem no território que actualmente constitui a Bulgária.

Este movimento, ou melhor, conjunto de vários movimentos religiosos, proclamavam a existência de um dualismo criador (Deus e Satanás), pregando uma doutrina de salvação mediante um rigoroso ascetismo e afastamento do mundo material, que era entendido pelos cátaros como uma obra demoníaca.

Aquele que poderíamos designar como "«pensamento cátaro" apresenta-se aos olhos dos estudiosos contemporâneos como sendo praticamente impossível de sistematizar num sumário coerente e definitivo. Ironicamente, - e infelizmente, - como em muitos episódios da História, as principais informações de que dispomos na actualidade são provenientes de fontes eclesiásticas, como o Tribunal da Santíssima Inquisição. Em termos muitos gerais, sabemos que os cátaros subscreviam uma doutrina de reincarnação e um reconhecimento do princípio feminino na religião. Portanto, não será de estranhar, que os "parfaits", pregadores e professores das congregações cátaras, fossem de ambos os sexos. Os cátaros rejeitavam a Igreja Católica, negando toda a validade das hierarquias eclesiásticas, ou seja, a existência de interlocutores ordenados entre o homem e Deus. Em vez de uma "fé" aceite em segunda mão, os cátaros insistiam num conhecimento pessoal e directo, alicerçado numa experiência mística ou religiosa apreendida em primeira mão e sem a ajuda de quaisquer interlocutores. A este tipo de experiência davam o nome de "gnosis", a partir da palavra grega para conhecimento.

Todavia, parece-me pertinente afirmar que o aparecimento desta espiritualidade medieval, excluindo as especificidades culturais que ajudaram à construção do seu sistema simbólico, resulta de uma escolha, ou seja de uma tomada de posição. Olhando em seu torno, para a restante Cristandade que a circundava, que observavam estes inquietos habitantes do Sul de França? Uma Igreja que fazia a apologia da humildade e da miséria mas que de facto vivia na desmesura e na opulência, resolutamente comprometida e empenhada com o poder feudal, numa sociedade onde rei-

"A Corte de Lucifer" reúne todos os homens que acreditam nas virtudes do sangue e na superioridade da raça ariana sobre todas as outras.

"O corpus da doutrina cátara assenta numa oposição radical entre dois princípios metafísicos: O Bem e o Mal."

nava a violência e a injustiça.

Estas indagações/constatações conduzem a uma evidência quanto à sua compreensão religiosa do Universo: ou seja, o Deus que se diz ser bom e generoso é, de facto, o criador de uma obra onde reinam o pecado, o crime, a guerra e as injustiças.

Analisado através de um ponto de vista filosófico, o catarismo é um dualismo, como já foi referido previamente. Sendo este termo bastante vago e comportando mais do que uma interpretação doutrinal, importa referir que o grande problema que parece estar na origem da tentação dualista é o problema do Mal. Assim, numa perspectiva firmada nos preceitos doutrinários dos cátaros pode-se colocar a seguinte questão: Como pode um Deus bom, um Deus de amor, permitir a existência do Mal?

O corpus da doutrina cátara assenta numa oposição radical entre dois princípios metafísicos: O Bem e o Mal. De facto, o Mal ocupa um lugar de amplo destaque sendo determinante na economia do catarismo. Foi este princípio, - se nos centrarmos nas proposições do dualismo radical, também designado de absoluto, inspirador do catarismo que emergiu na Occitânia, – que criou o mundo tal como ele é e tal como o percepcionamos na nossa existência quotidiana. Desta feita, o próprio catarismo colocava-se em linha de sintonia com as inquietudes que já anteriormente haviam "maculado" a mente de alguns teólogos, que tinham dificuldades em conciliar a ideia de um criador perfeito, com a realidade, verificável e por vezes até palpável, de um mundo pejado e perpassado de forças inequivocamente conotadas com o Mal.

Obviamente que aqui nos surgem ecos reminiscentes das doutrinas gnósticas que, como o maniqueísmo e bogomilismo, se encontram na base do catarismo. Apesar da sua diversidade e das suas amplas ramificações, o gnosticismo fundamenta-se, acima de tudo, numa condenação radical da criação, leia-se do mundo, da natureza, da humanidade. Claro está, que esta condenação abrange o Criador da Bíblia, que se torna o inimigo, o adversário, o Diabo. As seitas gnósticas negavam a validade do Antigo Testamento e recusavam a autoridade de Deus-Pai, considerado como um demiurgo mau e estúpido. A consciência de que a humanidade vive num Universo criado por um Deus iníquo, mau e perverso, serviu de linha orientadora a todo um vasto conjunto de seitas gnósticas que proliferaram um pouco por todo Ocidente no decurso dos primeiros séculos da nossa era.

O Problema do Livre Arbítrio

Para os gnósticos, o livre arbítrio não existe. O futuro de cada um encontra-se resolvido ab initio. Assim, o indivíduo em geral, não conta com qualquer tipo de protecção divina para escapar ao terrível destino que ameaça a criação. De acordo com os seus pressupostos doutrinários, muitos encontram-se simplesmente votados à aniquilação, enquanto, alguns se encontram promovidos à elevação: ou seja, ao regresso ao seio do mundo divino.

O conhecimento divulgado pelas seitas gnósticas é redentor. "Saber é estar salvo!", - afirmava Valentim de Alexandria, talvez o mais célebre dos mestres gnósticos. Este é um conhecimento que desvela mistérios, que revela uma história secreta, levando a que se tome entendimento de assuntos relativos ao Fim Último. A escuta destas narrativas míticas, prenhes de simbolismo escatológico permitia que aqueles que as escutavam intuíssem em si, dentro do seu próprio interior, da existência de uma parte divina até então por eles negligenciada. Desta forma, pode o iniciado, constatar da amplitude do drama cósmico que todos os dias se desenrola perante o seu olhar: vislumbra-se o mundo como o contrário atroz de uma criação divina que permanece totalmente estranha e absurda.

A gnose torna-se o último reduto, o ponto de abrigo que protege do "cha-

mamento" que quotidianamente é feito pelas forças ao serviço do Deserto do Real. Só a gnose permite a protecção dessas forças centrífugas que compõem o maelstrom onde se afundam gerações e gerações de indivíduos.

A Gnose, bem como muitas das restantes tradições espirituais, afirmam que a humanidade se encontra mergulhada numa espécie de torpor. A humanidade, massa informe, vagueia como sonâmbula, invadida pelas paixões, dividida entre desejos e repulsas.

Já Calderón de la Barca, em consonância com todas as metafísicas, afirmava que " A Vida é um Sonho". Vive a humanidade como num sonho, absurdamente cheia de vãs esperanças, desiludida por acontecimentos de menor importância, sem dar qualquer tipo de importância a uma espiritualidade fundamental. Foi originalidade da gnose, bem como sua particular especificidade, estabelecer a criação de uma cosmogonia completa a partir de um estado de esquecimento permanente. Esta amnésia fundamenta a ontologia gnóstica. Se esta amnésia equivale ao sono, à ignorância, bem como à perda da noção dos valores essenciais que regem a vida humana, a gnose, por seu turno, permite a redescoberta da identidade, possibilitando a resolução de conflitos internos. A descoberta, no interior de si mesma, de um poder, de uma força, de uma qualquer herança ancestral, em suma, de uma identidade, constitui a pedra angular da gnose. É este princípio transcendental - conhecer a sua verdadeira natureza (tal e qual como proclamava o aforismo inscrito nos pórticos Oráculo de Delfos) - que rege a gnose.

Como diz um texto maniqueísta: "Desperta, alma esplendorosa, do sono da embriaguez em que caíste. Segue-me até ao local exacto onde habitavas no começo".

Endura

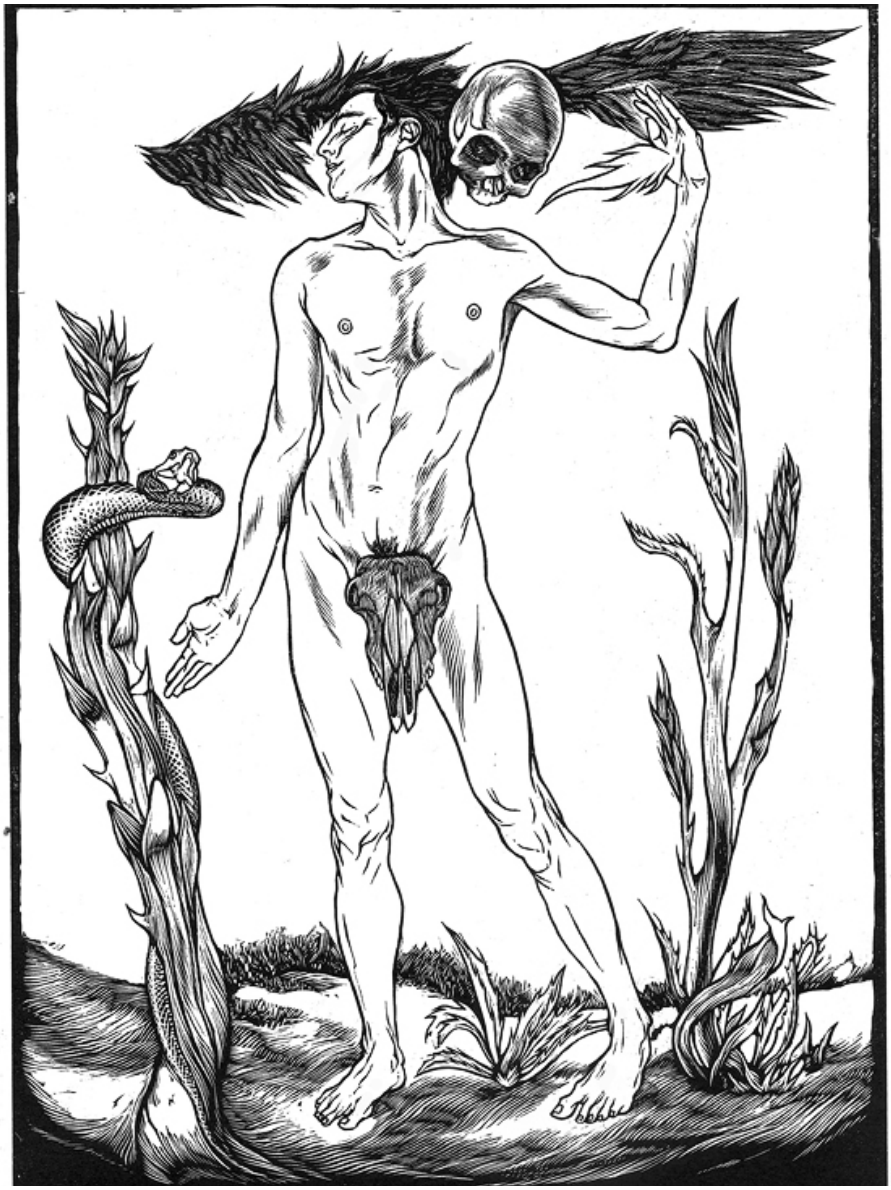
"Endura: Palavra occitânica: privação, jejum. Espécie de suicídio místico, de modo nenhum condenável: abandonar a vida por amor do ser sempre foi o desejo dos verdadeiros espirituais de todas as religiões. No século XIII, era frequente que os cátaros, odiando o mundo e tendo poucos dias de vida, se deixassem morrer de fome, depois de terem recebido o Consolamentum, porque já não estavam em condições de dizer o Pater, antes de comer e beber, e porque receavam, se caíssem novamente em pecado, perder o benefício da santificação relativa e provisória que tinham recebido de Deus e das circunstâncias, sem a ter «merecido» demasiado. A Endura consistia geralmente em se deixar morrer de inanição ou, mais raramente, de frio. Nunca foi estimulada pelos Perfeitos nem, com a maioria de razão, imposta por eles. De resto, só veio a divulgar-se no fim do século XIII e sobretudo no condado de Foix, sob a influência do pastor Pedro Autier, numa época em que a Inquisição se encarregava de tornar a vida impossível aos crentes."

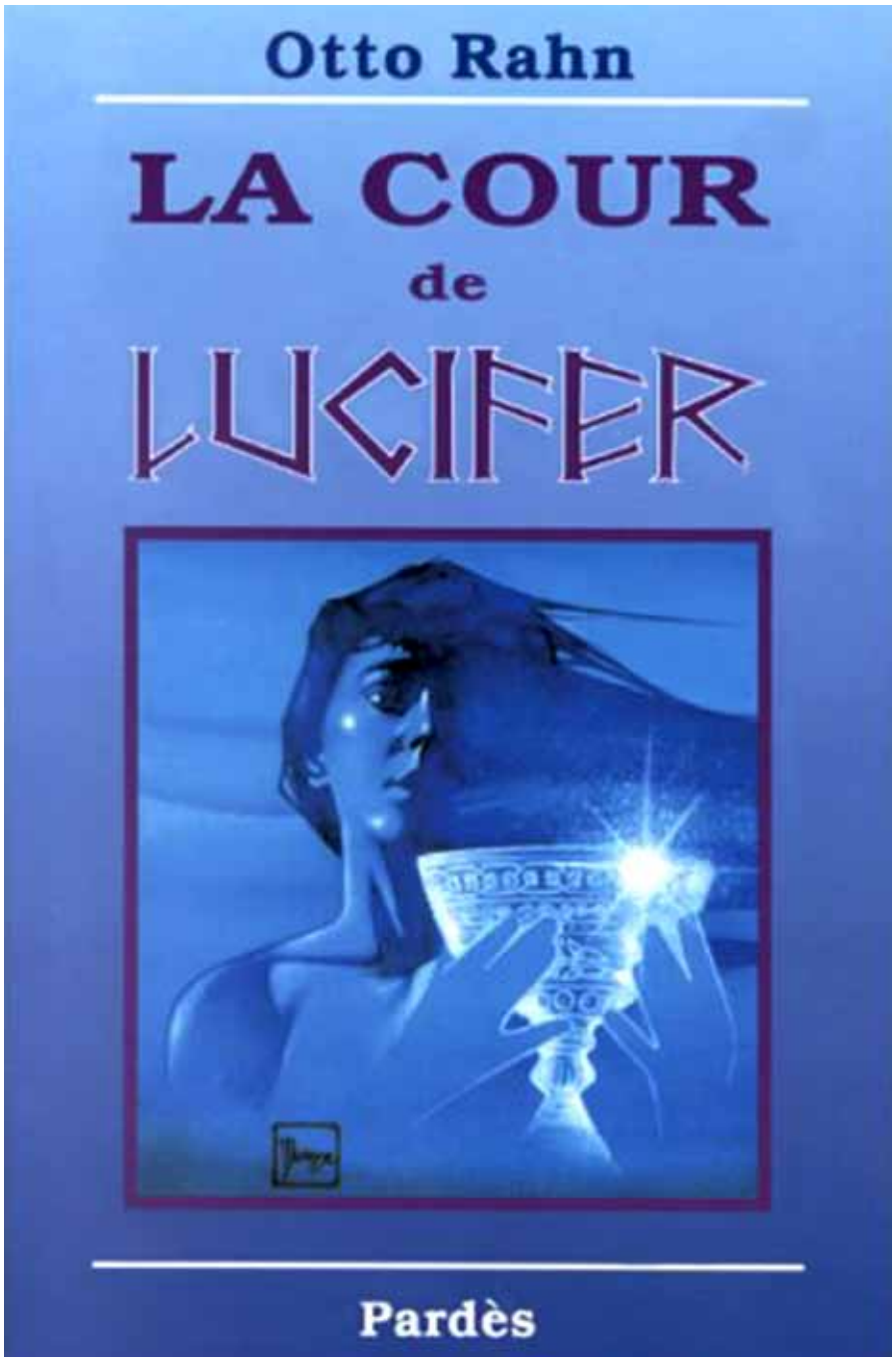
RenéENÉ NelliELLI em "Os Cátaros"

Os estudiosos do catarismo referem que o seu principal rito era o famoso Consolamentum. Este era ministrado aos crentes desejosos de entrar na comunidade dos Perfeitos, bem como aos moribundos que ansiavam por uma boa morte. Tal rito visava permitir que o crente escapasse à sucessão de transmigrações, permitindo através desta forma, que se abrisse o caminho de acesso ao reino espiritual. Constate-se, portanto, ainda que tenha abordado muito "pela rama" as principais características do Catarismo, que os seus Adeptos não temiam a morte. Para uma melhor compreensão desta heresia medieval remeto o leitor interessado em aprofundar a temática para a Bibliografia elencada no final deste texto.

"Vive a humanidade como num sonho, absurdamente cheia de vãs esperanças, desiludida por acontecimentos de menor importância"

Acontecia então, que por vezes, os Perfeitos se deixavam morrer por Endu-





ra. " A sua doutrina – afirma Otto Rahn na sua Cruzada Contra o Graal – permitia, como a dos druidas, o suicídio; exigindo todavia que se pusesse fim à vida não por lassitude de viver, por medo ou por dor, mas por um estado de perfeito desinteresse da matéria." Ainda segundo o autor alemão, os cátaros efectuavam a endura a dois. " O irmão, ao lado do qual o cátaro tinha passado, na mais ideal amizade, anos de esforços contínuos e de espiritualização intensiva, queria, ainda concertado com ele na outra vida, a verdadeira vida, gozar as belezas apenas pressentidas no Além e a revelação das leis divinas que movem os mundos".

Para colocar um término aos seus dias escolhiam entre cinco géneros de morte: envenenamento, pela fome, cortando as veias, atirando-se de um precipício, ou então, através do mergulho em água gelada após um banho quente, o que provocaria uma congestão pulmonar. Todavia, ao que parece, a prática da Endura não serviria para conduzir inequivocamente à morte. Supõe-se que na maioria das vezes se tratasse de um jejum prolongado de purificação, com a duração de dois meses, intercalado por pequenas pausas, em que os ascetas apenas comiam pão e bebiam água.

Como supõe a grande maioria dos estudiosos, a Endura, com o fim último de levar à morte, acontecia essencialmente na época das perseguições, em que os cátaros após a recepção do Consolamentum se submetiam a este tipo de mors voluntaria.

Concluo esta breve viagem pelos domínios dos "cortesãos de Lucifer" enaltecendo a sua nobreza de caracter e heroicidade que tanto contrasta com o, por vezes triste, apego à vida que caracteriza e existência de milhões de indivíduos, indistintos ente si, na torpe massa a que vulgarmente se dá o nome de sociedade/civilização. Não seria esta sua escolha, suicídio ritual, a forma mais digna e honrosa de deixar um mundo submetido a um deus absconditus, cego, cruel e louco?

De acordo com algumas das premissas maniqueístas, este mau demiurgo é um monstro que não é o verdadeiro Deus. Afirma esta mesma doutrina, que existe um outro e que este Outro se tornou infinitamente transcendente, apenas acessível para aqueles a quem pretendeu comunicar os efeitos da sua graça. Ainda que seja obviamente discutível a existência de dois deuses, não podemos no entanto, deixar de constatar que existem apenas duas espécies de indivíduos: aqueles que transportam em si uma nobreza de espírito, que lhes permite manterem-se em pé no meio dos escombros que comprovam o estertor do Mundo Moderno e aqueles cujo carácter baixo e torpe se baliza pela mediocridade e dispensa quaisquer outros tipos de comentários.

Para finalizar, permito-me afirmar, em consonância com o estudioso maior do catarismo, René Nelli, que – "…o monista (ou aquele que como tal se considera) só pode sentir-se tentado, actualmente, a aderir à ordem do Mal. Porque tudo o convence, se pensa correctamente – a razão, a ciência, a experiência dos homens e da vida –, de que este mundo é absurdo e desesperado, e que Deus não existe, ou é louco." •

Bibliografia:

ANGEBERT, Jean-Michel – Hitler et la Tradition Cathare. Paris: Robert Lafont, 1971.

BAIGENT, Michael; LEIGH, Richard; LINCOLN, Henry – O Sangue de Cristo e o Santo Graal. Lisboa: Livros do Brasil, 2004.

NELLI, René – Os Cátaros. Lisboa: Edições 70, 1980.

PICAR, Michel – Os Cátaros. Mem Martins: Europa-América, 1989.

RAHN, Otto – A Corte de Lucifer. Lisboa: Hugin, 2002.

RAHN, Otto – Cruzada Contra o Graal. Lisboa: Hugin, 2000.

SAINT-LOUP – Novos Cátaros para Montségur. Lisboa: Hugin, 2003.

Penafiel, Fevereiro anno 2013 era vulgaris

Santo Orifício (parte 2)

BM Resende

não-dramatis ex-personae: exquisidor estevão, carrasco geremias; horácio, o defecador; estefânia, a gemideira; almerinda, a assoadeira; um cão com cinco cabeças; eco das hienas de amoníaco

exquisidor estevão
(Levanta-se e gesticula as ocorrências.)
Cá vai. Estava na tasca da beatriz esponja a beber um copo de água e a palitar os dentes enquanto dava a vistoria no jornal da aldeia. As cenas do costume. Paulada aqui. Ceifadela além. O fulano que dizia que o outro fulano lhe devia uns cobres de umas apostas em corridas de enguias e assim por diante. Vou-me aos classificados cheio de tesão que tinha os bolsos rotos até à palma dos pés e vejo a coisa. "Procuram-se exquisidores para entrada imediata." Sem necessidade de experiência na área. Sem habilitações mínimas. Sem merda nenhuma. Trabalhar no horário que se queira. Quando e onde se queira. Claro que pensei que era aldrabice rechonchuda. Mas como os bolsos não pesavam muito tinha que pensar levezinho. Aliás, é certo sabido que um bardamerda como eu para arranjar uma entrevista de emprego se vê fodido. Quanto mais o resto. Não tenho habilitações nem experiência nem merda nenhuma. O típico. Em nenhuma área em geral e muito menos em particular. Mas isso já sabes. És tão borrador de botas como eu ou mais ainda.

carrasco jeremias
Mais ainda. Já não tinha um emprego desde as abelhas do meu avô. Que os deuses o guardem no santo fumeiro a assim por diante.

exquisidor estevão
Exacto. Vai daí fui-me à entrevista. Era longe como o mundo.

carrasco jeremias
Este?

exquisidor estevão
Sim.

carrasco jeremias
Irra. Só de pensar me faz suar os neurónios.

exquisidor estevão
Andei três dias a bater soneca aqui e acolá. Rasguei os sapatos em todos os ângulos possíveis e cheguei lá de meias às tiras.
(Suspense.)
Contorno a figueira...

carrasco jeremias
Essa existia!

exquisidor estevão
Essa sim.
(Silêncio.)
Então contorno a figueira. Em plena floresta onde não se ouvia um pio de um carro ou uma escarradela de fábrica e dou de caras com uma mulher vestida de freira com óculos submarinos de lentes partidas na cabeça.

carrasco jeremias
Gestora de apicultura por certo.

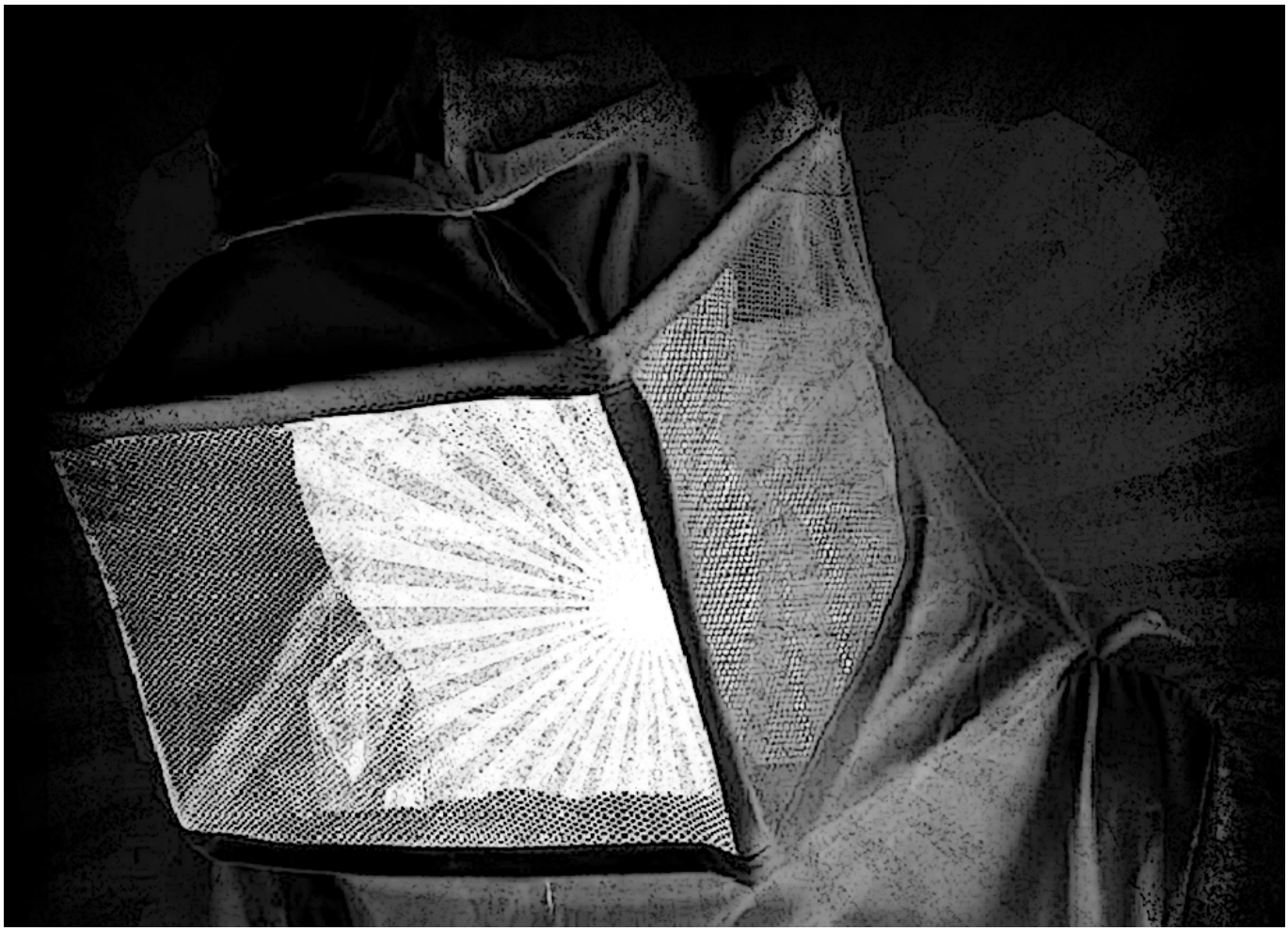
exquisidor estevão
É bem capaz. Ou estava camuflada.

carrasco jeremias
E como é que sabias que era uma mulher?

exquisidor estevão
Tinha um seio de fora.

carrasco jeremias
Assim sendo a probabilidade é grande.

exquisidor estevão
Apontou-me uma direcção com o



bico do seio sem dizer nada e eu lá fui.

carrasco jeremias
Não percebi. Em que direcção foste?

exquisidor estevão
Na que ela apontou com o bico do seio.

carrasco jeremias
O bico do seio apontava?

exquisidor estevão
Estava erecto.

carrasco jeremias
Percebido!
(Bate continência.)
Mas foste em que direcção afinal?

exquisidor estevão
No meio da floresta quase a chegar às margens dos confins do mundo direcções é coisa que falta.

carrasco jeremias
Adiante. Estevão em percurso!

exquisidor estevão
Então lá fui eu. Deitava bofes secos pela boca e transpirava como um dromedário a foder no deserto ao meio-dia com o sol a rachá-lo a meio.

carrasco jeremias
E o dromedário rachava-a a ela.
(Silêncio.)

exquisidor estevão
Claro. Mas estava à sombra.
(Silêncio.)
Adiante. Sigo em frente sem nunca me desviar um milímetro da direcção que a gestora de apicultura me indicara. Subo árvores e passo debaixo de galhos. Corto rios a meio e furo montanhas como uma broca eléctrica.

carrasco jeremias
És um gajo do carailho. Estevão berbequim.

exquisidor estevão
E no dia a seguir vejo-a em todo o seu esplendor no meio de três eucaliptos. Sentada com a perna cruzada atrás de uma secretária atafulhada em papéis rasgados. À sombrinha no meio do bosque. Minissaia curta pelo meio da nádega. Meias de renda com feitios de gafanhotos a tornear a perna carnuda e firme. Sapato de tacão com cerca de meio metro. Camisa branca quase transparente a apertar os peitos erectos e lunares. Cabelo apanhado com um garfo de estanho que faiscava o sol por todas as direcções. Espetou os lábios vermelhos enquanto me fixava os olhos doces e verdes como figos e disse: "É para a entrevista?".

"Estava na tasca da beatriz esponja a beber um copo de água e a palitar os dentes enquanto dava a vistoria no jornal da aldeia."

carrasco jeremias
(Entusiasmado.)
E tu? Que fizeste?

exquisidor estevão
Cai ao chão e adormeci como um marmelo demasiadamente maduro.

carrasco jeremias
Ora foda-se.
(Gesticula em desilusão.)

exquisidor estevão
Mas quando acordo novamente... Ui ui jeremias.

carrasco jeremias
(Entusiasmado.)
Então? Que aconteceu?

exquisidor estevão
Estava o sítio apinhado de gente. Eram umas centenas de pessoas todas esfarrapadas e sem sapatos. Cabelos em desalinho e com os bofes secos de fora. Pensei para comigo, ainda não deve ter começado a entrevista, devo ter chegado demasiadamente cedo. Aperaltei-me como consegui. Cuspe na mão e penteadela de cabelo. Desenvencilhei-me das tiras das meias e esfreguei bem os pés com folhas de eucalipto. Peguei em mais folhas e passei por dentro da camisa e das calças. Dava outro aroma.

carrasco jeremias
Sempre foste gajo de perfumadela.

exquisidor estevão
Fui-me pelo meio do pessoal adentro em busca de alguma coisa que rapidamente me esqueci. Pedi um cigarro que os meus tinham acabado e de quatro lufadas o queimei. Ainda estava a deitar os últimos vapores quando a mulher esplendorosa por trás da secretária bateu com um martelo três vezes para meter ordem no bosque.

carrasco jeremias
Acção cum caneco!

exquisidor estevão
O pessoal apeou-se num instante e formou filas ao calhas com as mãos atrás das costas e queixo espetado nas nuvens. Segui a tendência e também espetei o queixo. Atirei as mãos para trás das costas como se não tivesse músculos. Era como se tivesse os ossos a tremer.

carrasco jeremias
Ossos a tremer são tremossos!

exquisidor estevão
Claro!
(Espeta-lhe uma galheta.)
E no meio de todo aquele silêncio ela falou como se fosse a voz de todos os deuses a manifestar-se por aquele ser sumptuoso. "Aquele que me trouxer a mais pequena folha de eucalipto ficará com o emprego."

carrasco jeremias
Ora foda-se. É tiro e queda.

exquisidor estevão
Aquela voz tão gutural e ao mesmo tempo doce como compota de sardinha fez-me atirar de queixos à secretária.

carrasco jeremias
À rapariga?

exquisidor estevão
Não. À cena de madeira que estava à frente dela.
(Silêncio.)
Só depois consegui pensar no que ela disse. E que estava ali para o emprego e não para outra coisa qualquer.

carrasco jeremias
Profissionalismo estevão. Profissionalismo. O menor deslize e a escorregadela pode partir a espinha dorsal da carteira.

exquisidor estevão
Da secretária?

carrasco jeremias
Não. Da coisa onde se mete o guito quando o há. Ou que se leva vazia apenas para dar volume de nalga.
(Silêncio.)

exquisidor estevão
Adiante, pouco sentido poderia fazer um colosso de arquitectura feminina sentir-se atraída por um protozoário

como eu. De cuspe no cabelo, roupa às tiras e a tresandar a eucalipto que até fazia que o estômago saísse e voltasse a entrar pela boca sem tocar na língua.

carrasco jeremias
(Impaciente.)
Então, que fizeste?

exquisidor estevão
Estendi-lhe a mão fechada enquanto ela olhava para mim do cimo olímpico dos seus tacões.

carrasco jeremias
Epifania.

exquisidor estevão
Abri a mão e disse. "A mais pequena folha que encontrei."

carrasco jeremias
Mas... Tu não tinhas folha nenhuma pois não?

exquisidor estevão
Pois não. E por isso mesmo era a mais pequena possível.

carrasco jeremias
És um génio seu protozoário!
(Abraça-se a ele. Ele dá-lhe uma galheta.)

exquisidor estevão
Ela bate com o martelo três vezes depois de ter visto e revisto a palma da minha mão e diz. "O candidato já foi escolhido. É escusado perderem mais tempo de vida nesta entrevista. Não existe folha de eucalipto mais pequena do que aquela que não existe.". E eu olho em redor para avaliar o panorama e muito pessoal que vinha de folha na mão se deixou prostrar em frustração. Muitos choravam e arrancam cabelo.

"Íamos assinar contracto e depois davam-me um dossier com as informações completas sobre o emprego e mais uma data de papeladas."

carrasco jeremias
Arrancavam cabelo a eles próprios?

exquisidor estevão
Claro que não. Ao gajo do lado. E muitos deles ainda lá devem estar a bater a soneca e a curar a depressão de mais um emprego falhado mas agora também com falhas no couro cabeludo.

carrasco jeremias
Contra o estevão é sem peneiras. Passa de gás.

exquisidor estevão
Eu relampejei de alegria mas contive-me. Convinha não deitar as coisas a perder e manter um aparato de gajo sério e profissional.

carrasco jeremias
Estevão aristogaitas. É um mimo. Vitória aos borradores de botas!
(Festeja de braços erguidos.)

exquisidor estevão
Ainda não acabou! Há mais.

carrasco jeremias
(Recompõe-se.)
Ai é? Então siga para bingo!

exquisidor estevão
Ela diz-me para a seguir. Íamos assinar contracto e depois davam-me um dossier com as informações completas sobre o emprego e mais uma data de papeladas. Compenetrado a dizer que sim a tudo o que ela dissesse lá fui atrás dela a arrastar o cheiro pestilento dos eucaliptos já fora do prazo de validade. Cabelo seco colado em secções aleatórias por acção da cuspidela e farrapos a dar a dar uns e outros colados a feridas nos pés que iam deixando uma ou outra flor pintalgada de vermelho. Até se me tremia a mão ao pensar que ia assinar o meu nome pela segunda vez na minha vida.

carrasco jeremias
Qual foi a primeira?

exquisidor estevão
(Pensa.)
Já não me lembro. Mas também não interessa. Andamos três dias pelo meio de serras e florestas. Ela à frente sempre no mesmo ritmo e sempre com o mesmo andar majestoso. Eu seguia atrás como podia, tropeçando e lambendo pedras cintilantes de lua, à noite, e cintilantes de sol, de dia.

carrasco jeremias
Já vi pedras cintilantes de nevoeiro. Vim a saber era do haxixe.

exquisidor estevão
Ora bem, às vezes ia atrás dela arrastando-me com a força da ponta das unhas. Outras deixava-me rolar monte abaixo para ganhar terreno. Ela mantinha o mesmo ar imperturbável e ausente de sempre. Até que depois de andarmos uns tempos dentro de uma gruta húmida que gritava pelas gargantas dos morcegos chegamos a uma escada que subia até perder de vista. Ela parou pela primeira vez nesses três dias. E sem um único esgar de cansaço ou suor, emanando o mesmo odor a rosas que emanava três dias antes espetou o queixo e apontou com os lábios. Para cima.

carrasco jeremias

Se fosse com o seio era mais cabalístico.
(Silêncio.)

exquisidor estevão
E disse-me, "O contracto e o dossier estão à sua espera lá em cima.". Dito isto foi pelo caminho de onde viemos. Eu deitei-me de exaustão todo encharcado no chão mas não pestanejei até vê-la desaparecer na escuridão. Majestosa como um pêssego arrebitado para o sol.

carrasco jeremias
Um seio lunar arrebitado para o sol. Atracção astral.
(Leva uma galheta.)

exquisidor estevão
Sentia as diástoles baterem ao ritmo dos ecos produzidos pelos imensos tacões. Ouvi aquilo um dia seguido a compassar os movimentos das meias de rede carnudas de onde saltavam gafanhotos coloridos a fumarem três cigarros cada um enquanto faziam malabarismo. Tinha batido outra soneca.

carrasco jeremias
Mais dia menos dia há que fechar a pestana. É de lei!
(Aponta com o indicador para cima.)

exquisidor estevão
Acordei estremunhado. Já não sabia bem onde estava e para onde ir. Esbugalho os olhos para a escada e lembro-me das cenas. Apresso-me a subi-la. Não sei se vou adiantado ou atrasado. O típico. Mas ansiava pelos papéis enquanto a minha mão direita tremia sôfrega ansiando assinatura. A meio da subida lembro-me que tenho vertigens e olho para baixo. Escuridão total...

carrasco jeremias
Até me dá calafrios nos testículos... Medo!

exquisidor estevão
O que vale é que com o sono me esqueci das vertigens e continuei a subida.

carrasco jeremias
A ascender na vida, é o que é.

exquisidor estevão
Devo ter subido milhares de escadas. Sentia os ossos colarem à pele. Quando dei por ela uma espécie de escotilha. Abri-a sem demoras e pinchei para o cimo. Cerrei-a de rompante como se estivesse a ser perseguido. E já não estava escuro. Ainda demorei bastante tempo a adaptar-me a tanta claridade, até que dei por ela estava num escritório.

"Ele deu a típica vista de olhos na diagonal pausando a corrida de agrafadores. O azul tinha ultrapassado naquele instante o vermelho. Sorriu. "

carrasco jeremias
Mesmo?

exquisidor estevão
Mesmo.

carrasco jeremias
Sem árvores nem serras nem arbustos?

exquisidor estevão
Só tinha um bonsai em cima de uma secretária.
(Silêncio.)

carrasco jeremias
Isso não conta.

exquisidor estevão
Olho em redor e vejo uma criança a brincar com agrafadores. Estava a fazer uma corrida com eles. O vermelho ia na frente seguido por uma margem de poucos centímetros do azul. Fazia sons bizarros com a boca.

carrasco jeremias
O agrafador?

exquisidor estevão
A criança.

carrasco jeremias
Tipo vrrrrrum? Ou ta ta ta ta ta? Ou meeeeeeeeu meeeeeeeeu?

exquisidor estevão
Uma cena mais estranha. Pareciam sons de abutres com pouco óleo no gasganete.

carrasco jeremias
Ah! Estou a imaginar. Mas é fodido reproduzir.

exquisidor estevão
Exacto. Ia-lhe perguntar pela papelada mas nem me deu tempo. Apontou para uma secretária praticamente vazia. Só tinha uma resma de papéis em cima.

carrasco jeremias
Era o dossier!

exquisidor estevão
Com o contracto por cima!

carrasco jeremias
O dossier!

exquisidor estevão
E uma caneta dourada mesmo ao lado a reluzir os raios solares que entravam pela janela meia aberta. Abocanhei-o enquanto me babava ligeiramente. Peguei na caneta e assinei imediatamente.

carrasco jeremias
O dossier!

exquisidor estevão
Era como se tivesse chegado a saturno montado num escaravelho a pedais.

carrasco jeremias
Que vitória!

exquisidor estevão
Que triunfo!

carrasco jeremias
Que glória!

exquisidor estevão
Entrego imediatamente o contracto ao puto não fosse as coisas começarem a andar de marcha-atrás. Ele deu a típica vista de olhos na diagonal pausando a corrida de agrafadores. O azul tinha ultrapassado naquele instante o vermelho. Sorriu. Respondi com um sorriso. Mesmo sabendo dos meus odores e cabelo lambido a cuspe. Estava alagado em suor e fluidos que nem sabia a proveniência.

carrasco jeremias
Pumba! Estevão contratado!
(Salta e grita entusiasmado em redor do exquisidor estevão. Leva uma galheta.)

exquisidor estevão
O puto vai até junto da janela e zuflas. Atira o contracto borda fora e vem apertar-me a mão.

carrasco jeremias
Estevão passa aos quadros fixos! Contracto na secretaria!
(Salta e grita entusiasmado em redor do exquisidor estevão. Leva uma galheta.)

exquisidor estevão
Agarro no dossier e meto debaixo do braço. Noto que deve ter umas largas centenas de páginas. Ansiava sair dali a correr para a tasca da beatriz esponja devorar a documentação e emborcar copos de água a torto e a direito.

carrasco jeremias
És gajo de enfrascar à séria.

exquisidor estevão
A única coisa que precisava antes de me meter a comer a papelada era de uma banhoca e umas roupas decentes. Sem eu dizer patavina o puto aponta uma porta enquanto me oferece um agrafador em sinal de respeito. Topei-lhe a trapaça porque tinha reparado que era o agrafador que ia em último. Mas como era coisa de pouco milho agarro no agrafador e mando-me para a porta sem mais demoras.

carrasco jeremias
Era uma casa de banho!

exquisidor estevão
Com roupas novinhas em folha. Sapatos de pele de pila de andorinha e gravata com imensos gafanhotos lá estampados de olhar arregalado.

carrasco jeremias
Vai-se a ver era uma prenda da secretária. Era de saltar o gafanhoto.
(Leva outra galheta.)

exquisidor estevão
Tomo uma banhoca rápida mas esfrego-me bem para sair o cheiro a eucalipto podre. Lavo o cabelo umas dez vezes a ver se o cuspe desgruda. Faço a barba sem me cortar uma única vez e visto as roupas. Aperto a gravata até ao gasganete e enfio os sapatos de rompante. Penteadela obrigatória. Descarrego águas e envio o que não comia aos dias cano abaixo. Encontro em cima do autoclismo um maço de tabaco e um isqueiro vermelho. Fumo uns cinco de rajada enquanto leio um livro técnico de traumatologia que estava no chão em frente aos meus pés. Após a última cigarrada pouso o livro vermelho e o isqueiro vermelho em cima.

carrasco jeremias
Em suma, o isqueiro fodeu-se.

exquisidor estevão
Nem mais. Finalizo a higiene com uma cortadela de unhas. Guardo o utensílio como lembrança daquele aparato de limpeza. Meto o agrafador noutro bolso e de dossier debaixo do braço lá vou eu.

"Tomo uma banhoca rápida mas esfrego-me bem para sair o cheiro a eucalipto podre. Lavo o cabelo umas dez vezes a ver se o cuspe desgruda."

carrasco jeremias
Espera lá. Há ai coisas que não contaste. Passaste esses dias todos sem cagar nem mijar?

exquisidor estevão
Foi só verter águas que entra pouca coisa sólida por cima. Ia fazendo pelo caminho. Mais a mais andava molhado e sebento e andava. Mais ou menos cheiro a urina ou mais ou menos líquidos a escorrer-me pernas abaixo pouco importava.

carrasco jeremias
É bem-visto sim senhor. E depois?

exquisidor estevão
Saio do edifício e dou de caras com floresta novamente. O edifício estava sozinho no meio das verduras. Ao mesmo tempo em que penso como raio iria encontrar o caminho de regresso à tasca da beatriz vou metendo a mão ao bolso de dentro do casaco e zuflas. Um mapa. Com duas setinhas. Uma a indicar aquela casa a dizer "sítio do dossier" e a outra a dizer "tasca da beatriz". Sigo as coordenadas certinhas e eis-me novamente na tasca da beatriz. Diagonal no dossier enquanto empurrava a coisa para baixo com copos de água e vejo que tinha de empregar alguém. Não tenho mais nada, peço o telegaitas à beatriz e toca a ligar para o grande amigo jeremias. Mete-se na conta e siga para a labuta. O resto já sabes!

carrasco jeremias
És um génio estevão. E pões dois borradores de botas no trabalho sério dessa maneira. Apetece-me fumar um cigarrito em honra a ti!
(Aproxima-se de almerinda, a assoadeira e tira-lhe os cigarros das orelhas.)

almerinda, a assoadeira
Era tempo. Já estava a ouvir folhas de tabaco a cantar bossanova.
(O carrasco jeremias acerta-lhe com o garamiço numa orelha.

carrasco jeremias
(Vira-se para as açucenas.)
Vós que ai estais amedrontados com a justiça divina, podem tirar os entraves que vos impedem de ouvir a voz magnânima do juiz do santo orifício.
(O exquisidor estevão acerta-lhe uma galheta.)

exquisidor estevão
Não te ouvem.

carrasco jeremias
Ah. Pois é.
(Dirige-se às açucenas e destapa as orelhas dos arguidos.)
Já ouvem?

horácio, o defecador
Ouço melhor o estômago a roncar. Agriões pesam pouco.

estefânia, a gemideira
Prefiro comer a ouvir. Os sons dão-me fome.

um cão com cinco cabeças
Rouf... Rouf... Rouf... Rouf... Rouf...

horácio, o defecador
Quero entrecosto de toucinho!

estefânia, a gemideira
Quero rojões de salmão!

um cão com cinco cabeças
Rouf... Rouf... Rouf... Rouf... Rouf...

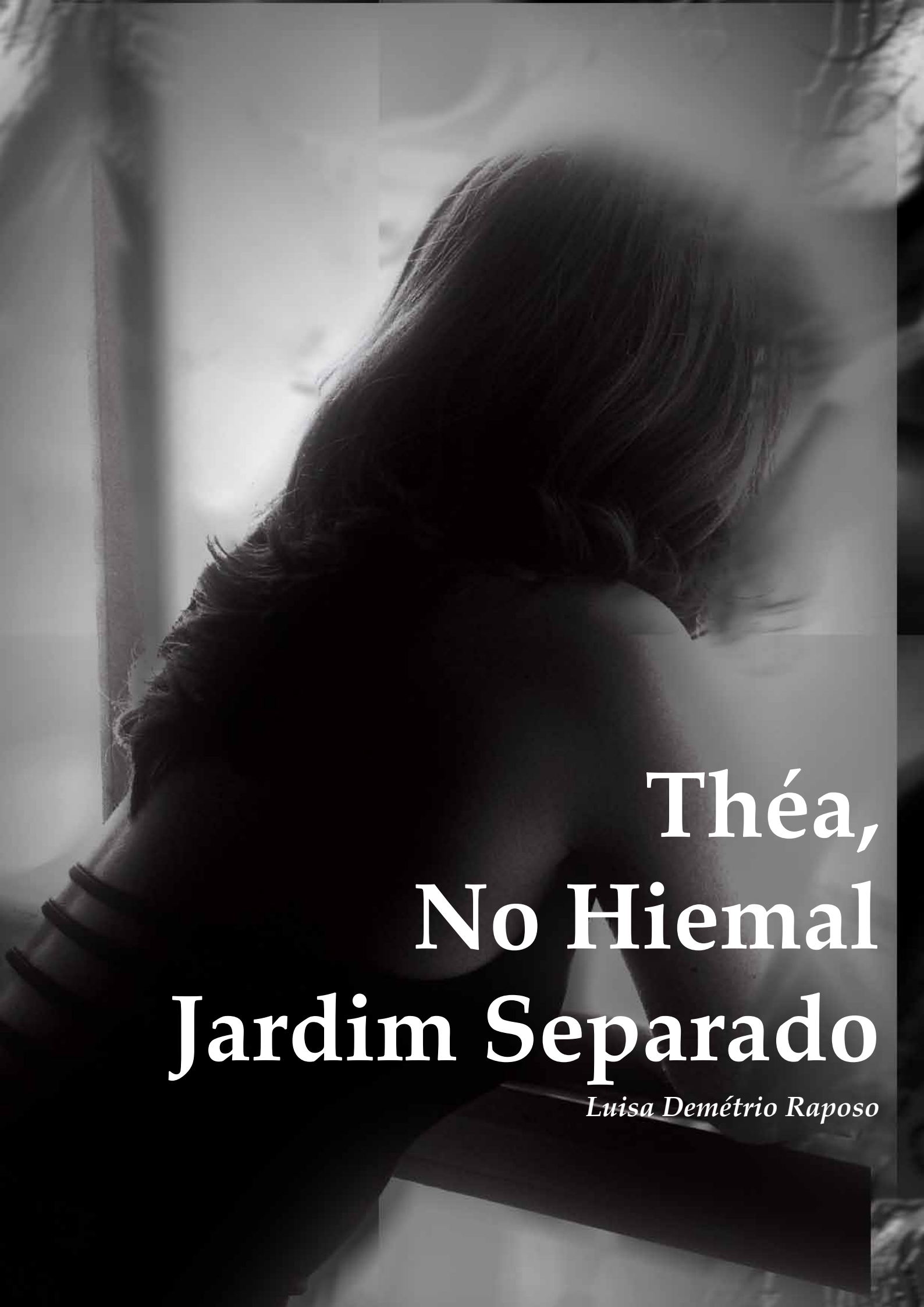
horácio, o defecador
Quero almôndegas de faneca!

estefânia, a gemideira
Quero puré de bacalhau!

um cão com cinco cabeças
Rouf... Rouf... Rouf... Rouf... Rouf...

carrasco jeremias
Caluda!
(Acerta-lhes com o garamiço nas orelhas.)
É farelo para todos.

(Silêncio. O carrasco jeremias sai.) •



Théa, No Hiemal Jardim Separado

Luisa Demétrio Raposo

A morte… Princípio do fim? Início de outra vida? S.f. Cessação da vida… A minha visão? Acredito que todos somos energia. Segundo Antoine Lavoisier "Na natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma".

Théa, nos meus poentes olhos, molhando em mim metáforas e os úteros imortais do sangue ao encontro da carne. Hálitos, em cima, pulsando, repercutindo-me entre o abandono e a cortesã personagem que por mim inteligentemente se ia congeminando. O pensar sangrando, irrazoável, obsessivamente pelas palavras renascidas em cios que gravitavam pelos (meus) equadores baixos, em ondas que se iam estilhaçando e escorregando pela natural desordem que é o meu corpo.

Théa, entre o abandono e a entrança, na linguagem, que existia em cenários, sem gestos, nas falanges, as perspetivas, o acolhimento, as pálpebras, gôndolas iluminando-nos por uma extensiva inspiração, decorrente, nós duas um rio de sangues, irrigando___ irrigando-nos___escutando as palavras assimétricas, descendo húmidas pelo latejar, nos alambiques orgásticos. A semântica, potente, o gozo armado entre os lenços vulvares.

Os licores em sementeiras, arregaçam-se. Acetinados. Marginam, marginam, acetinando entre as vaginas que iam entardecendo o rejuvenescer. Os sexos, o fogo em arcadas e imolações sobre a ferocidade, o espargir sonhando mel e no arder a vida a morder-me em toda a minha húmida carne. A malícia em arco. A largura da minha boca na largura do charco. No grito indígena, o rasgo é mundo onde o meu cio acontecia e entrava num patíbulo, no foder, o ar permissivo. Orvalhando-me, o saibro, as cíclicas mãos, apalpando dentro em mim memórias, viagens, as outrora fundações de um outrora pénis profundo, em noites bravas e infinitas a horizonte onde outrora um Eros retirou um potente e duro tesão.

Théa…

O texto, na memória costeira da boca em desequilíbrio, os círculos nómadas, as cartilagens gemendo para lá das minhas cisternas interiores onde não se ouvem gritos mas tão somente um amargo gosto a lenha e escuridão, na secreta via onde o paraíso vira noite e o sangue a desmata oblíqua entre a voz rouca que a pronuncia.

A beleza de braços abertos entre o respirar cru, cíclame, aberto e desperto nu na boca que ferve e que ama toda a matéria explícita.

Acende-se o cheiro, dela, e se evapora dentro alimentando o meu percurso feminino desde o fundo lago até á minha faiscante varanda onde juntas pintamos os céus e o amor que ilumina os sentidos a ir e a vir, nas paisagens escarlates onde o delírio celebra êxtases.

Ah, os seios dela, anelantes disseminando-me a língua. Os seios dela, gumes, em copas escancaradas, as auréolas bárbaras, na língua que tremia e o mamilo lambia, lá onde os dois cumes eram de leite e cheios de tempestades salgadas.

A cama, em cada poro, nela, os meus órgãos cresciam e as rotações bobeavam as duplas silhuetas, juntamente, secretamente nos sexos felinos crepitando-se, aveludadas, as virilhas repletas de tinteiros e de prosas em sanha_____ gota a gota, as duas púbis suadas.

Nas veias, a cama, irrompe, a vertigem, trilhada, o meu endereço amante, o epicentro do equilíbrio e o desequilíbrio, à nossa volta a precipitação e a bigorna sem rosto, na cópula.

Théa, abrindo-se em travessias, a vagina encharcando-se em palavras e poemas, linhas e núcleos, pólvoras, golfadas e lanços nadando, nadando entre águas minadas, entrando nas duplas ancas contorcendo o mundo húmido, vibrantes, vibrando, vibrando, vibrando, vibrando, entre o espaço e os dedos navegadores em debate.

A memória bruta da seda, a imagem das suas entranhas esmagando-me.

Seda a carne, encostada na página inteira, na escrita que se vai fixando e se vai fechando a cada onda orgástica, a cada profundo nó, as trevas, o enxofre cai nas margens, iluminando a ceifa e nós, abertas, nas espasmódicas respirações, num cais, ateando toda a memória atenta, avassalando nas frases a frase. O cio a desmoronar-se onde os buracos fervem e nos abrasando não só a Alma, mas também toda a carne hasta. •

Entrevista a Charles Sangnoir

OU a Entrada no Banquete Veemente

Mosath

Entrevistado na Infernus XVI, Charles Sangnoir é certamente um nome conhecido do panorama musical nacional para muitos de nós.

Acaso hajam leitores que o desconheçam, recomendo a leitura atenta dessa mesma entrevista, já que a mesma é uma maravilhosa apresentação deste homem e artista que se senta e lança feitiços sentado ao piano. Dançamos e sentimos o pulsar do Mundo.

Com um novo e entusiasmante trabalho a sair, cujo título é *Macumba Stereo*, resta-me, leve e alegremente, conduzir uma nova entrevista com este líder negro de sonoridades de sublevação. "*(…) e putas aos tombos…*". Se não me crêem, leiam e agucem os ouvidos curiosos!

Viva, Charles Sangnoir! Se me permites, como é tão bom invocar/evocar/convocar o teu nome… Como é que te encontras e o que é desejarias estar a fazer, ou a não fazer, se não estivéssemos agora nesta entrevista?

Viva Mosath! É um prazer partilhar palavras contigo para a *Infernus*. Na verdade, não desejaria estar a fazer mais nada: adoro o meu trabalho e, por conseguinte, divulgá-lo. Felizmente, tenho conseguido ao longo dos tempos o condão de me dedicar a fazer quase exclusivamente as coisas que me dão mais prazer.

O que é que mudou, fundamentalmente, no Charles Sangnoir desde a primeira entrevista *Infernus*? Se não for alongar muito, nessa entrevista, a dada altura, revelaste que, quer a música em geral, quer a tua em particular: "(…) é um enorme plágio – a diferença é que eu o admito."

Isto são palavras sábias ou simplesmente neorealistas? Fazes-me lembrar o escritor Carlos de Oliveira, o qual dissera, por outras palavras, que todos os escritores copiam e colam uns dos outros, somente não deixando espaço para que o admitam. Será isto uma verdade em ti, Charles Sangnoir, de que é necessário existir mais probidade e firmeza do que maquilhagem e confetis no mundo artístico?

Acredito que a arte se faz mais de esforço do que de imaginação, e a centelha criativa por mais viva que seja reduz-se rapidamente a cinzas se não for alimentada com trabalho intenso e apurado. A Maquilhagem e os confetis não são o produto em si, não o devem ser, mas fazem parte. São o isco, o chamariz; existem no entanto muitos "produtos" artísticos (ou de entretenimento) que não vão além do isco: é por isso que não poderão durar perenemente na história. É o conteúdo que permanece, não a forma.

No que diz respeito ao plágio, é importante que o artista, seja ele que for, mantenha a humildade de reconhecer que grande parte dos modelos criativos estão criados e saturados: assim sendo, a atitude mais inteligente é tentar fundir a centelha de inspiração com modelos menos ortodoxos e continuar a esperar que da miscigenação de géneros surja uma espécie nova. No meu caso, é o que faço, não arrogo ter criado algo totalmente inovador, mas trabalho constantemente no sentido de vir a dar parto a algo totalmente diferente.

Eu conheci-te pessoalmente no Porto, num dos teus espectáculos. Como é tão bom conhecer as pessoas enquanto vivem e não as suas estátuas, preciso de perguntar se tens alguma coisa que possas/queiras assinalar de similar e/ou positivo que vejas entre as cidades do Porto e de Lisboa.

Porto e Lisboa são particularmente diferentes, com a excepção de serem metrópoles (e tudo o que isso implica em qualquer parte do mundo) são cidades muito distintas: Lisboa é mais brilhante, Porto é mais cinzento. No entanto, os seus habitantes são o oposto: em Lisboa as pessoas são fechadas, reservadas e muito mais dadas á hipocrisia; no porto as pessoas são mais directas, mais quentes, mais francas.

A presente edição da *Infernus* tem como temática a Problemática das Escolhas. Agarrando nisto, como é que vês a presente situação em Portugal (no seu todo) e que escolhas vês como nucleares para o seu engrandecimento ou, apenas, melhoramento?

O Portugal presente não é um país de muitas escolhas: não é uma terra de oportunidades (a não ser a oportunidade de emigrar), quanto mais nos virmos a braços com o regime ultra-capitalista que tem vindo a ser instituido, menores serão as escolhas a tomar, sejam elas de índole pessoal ou profissional. Não se escolhe nascer num berço de prata e não se escolhe trabalhar dentro ou fora de um tanque de tubarões. Não me sinto muito amigo deste belo país à beira mar plantado, para ser franco. Não neste momento.

O que é que para ti cai na designação de "escolha" e como é que suportas o sucesso e o fracasso de uma pessoa?

É dificil falar de escolhas numa altura em que se empobrece tanto a conta bancária como (e sobretudo) o intelecto e a cultura dos cidadãos. Sinto que somos constantemente empurrados para um curral de brutos. Pede-se aos licenciados que emigrem e engorda-se o cérebro dos restantes com *reality shows* e entretenimento importado de refugo.

Na verdade, fazer escolhas requer informação, e a maior parte das pessoas estão a ser emburrecidas a um ponto em que não dispõem de ferramentas lúcidas o suficiente para fazer escolhas conscientes, precisamente o que a classe político-magnata deseja. Para mim escolha seria apagar a televisão, rechear estantes (na parede e acima de tudo por dentro dos olhos) de livros e criar métodos de autosubsistência. Aí sim, talvez surja a lucidez. Mas isto digo eu que navego em utopias.

Tens um novo trabalho de La Chanson Noir a sair. Por que escolheste este título *Macumba Stereo* e em que tipologia ou metodologia de criação assenta este teu novo trabalho? Fala-nos e seduz-nos!

Macumba Stereo é um título que deriva de duas origens, numa faceta mais prosaica, porque considero que toda a música é magia, no sentido em que altera a disposição das pessoas, no sentido em que pode fazer a diferença. Daí *Macumba Stereo*: Magia, ou religião, através dos auscultadores.

Por outro lado, este título surge como homenagem a uma corrente esotérica à qual estou intimamente ligado, basta dizer que na mesma casa onde gravo os meus discos é a mesma casa onde me dedico às artes escondidas.

Como é que decorreu o processo de composição de *Macumba Stereo* e quais as formas que tens de sentir o trabalho completado? Alguma forma de celebração pessoal que nos possas relatar?

Este novo disco serve, no fundo, para fechar um círculo. Decidi regravar todos os temas que não estavam presentes nos dois álbuns anteriores (*Musica Para os Mortos* e *Cabaret Portugal*) e dar-lhes uma roupagem mais bonita e pujante. Além disso, havia temas soltos como o *Bordel de Lúcifer* ou a *Valsa de Escombros* (e uma boa meia dúzia de inéditos) que me doía não ver incluidos num álbum normal.

De resto, é-me muito difícil terminar um disco, nunca me parece no ponto, nunca me parece exactamente como gostaria. Mas a certo ponto é preciso

abrir mão e deixar que as coisas ganhem vida própria, que respirem por si e sigam o seu caminho.

***Macumba Stereo* é composto por 13 faixas, das quais gostaria, se possível, que nos debruçássemos sobretudo em *Fuck Me*, *Ode a Satã* e *Natal dos Hospitais*. Indo de uma espécie de mensagem anti-puritanismos/anti-amor/ex-delicadeza até um registo jocoso e crítico, passando por uma espiral visceral quase de misticismo sonoro em suspensão, as tuas faixas são agitadoras e com uma composição expressionista de grande valor. Sem esquecer que fazes referências bastante contemporâneas, o que nos tens a dizer mais sobre estas e/ou outras faixas?**

Bom, sinto que há uma ligeira correcção a fazer: os meus temas, embora por vezes o pareça, nunca são anti-amor, o amor é uma das engrenagens que mais me movem. O que acontece é que o amor se manifesta através de mim em formas estranhas. No caso de *Fuck Me* existe sim um manifesto anti-puritano: o fantasma do puritanismo vitoriano ainda é uma sombra que apodrece as relações humanas. Este tema fala precisamente disso: quando o apelo da carne é forte há que o respeitar; quando a natureza fala mais alto não somos mais do que fantoches do instinto e não existe protocolo forte o suficiente para o disfarçar. O *Natal dos Hospitais* não é um tema cuja temática adore: detesto fazer crítica social, e detesto quando o rumo da sociedade me obriga a fazê-lo, acho triste e sufocante. Ainda assim, quando a coisa segue por aí, é o dever de cada artista chamar a atenção e pôr o dedo na ferida.

Quando ao tema que encerra o disco, *Ode a Satã*, tem uma história curiosa. No fundo é a musicação de um poema da Melusine de Mattos, e a música foi originalmente uma encomenda para o aniversário do Gilberto Lascariz. Todo o tema foi pensado tendo em vista uma ambiência atípica, como por exemplo ser gravado a 66.6 batidas por minuto, com quase todos os volumes a 6.66 no fader e num compasso de 5/4. O resultado foi deveras supreendente e achei que esta ode satânica tinha um brilho demasiado precioso para ficar na gaveta.

Aprecio deveras o teu registo vocal. Agridoce, narrativo, concretizador. O que é que as pessoas costumam falar acerca da tua voz?

Na verdade decidi que a música seria o meu caminho principal no dia em que consegui fazer alguém chorar com a minha voz (se tivesse sido com um taco, quiça eu tivesse carreira no golfe...). De resto, as pessoas estabelecem paralelismos com outros artistas, mas é uma coisa que não me apraz explorar. A título de curiosidade, posso dizer-te que comecei a fumar precisamente por achar que a minha voz era demasiado doce e andrógina. Acho que não resultou muito bem, mas continuo a fazer os possíveis.

"Há uma noção instaurada de que tem muito estilo agir contra os valores instituidos só porque sim. Eu acho isso particularmente imbecil."

Será que nos podes indicar quando é que vai acontecer a apresentação pública deste novo trabalho? Quais as tuas expectativas sobre a sua recepção?

bastante orgulhoso deste disco e estou certo que não irá gorar as espectativas de quem conhece o meu trabalho.

Cuidas que este *Macumba Stereo* é uma voz musical capaz de retirar alguns indivíduos do torpor artificial/digital/de rasca *overclock* social a começarem a cooperar num edificante País Stereo, ao invés de Mono?

O meu objectivo maior com a arte é o de despertar as pessoas, se este disco proporcionar que isso aconteça a uma mão cheia de gente ficarei bastante satisfeito. Veremos.

Qual é o teu "público-alvo", se é que apoias esta designação, e como é que te relacionas com outros músicos?

O meu público-alvo são as pessoas: sem discriminar qualquer tipo de particularidades. A mensagem é universal e para todos. Quanto ao meu relacionamento com os outros músicos, com os artistas em geral, é relativamente normal. Como é óbvio, procuro rodear-me de pessoas estimulantes e criativas, e quando encontro artistas que admiro procuro conhece-los mais a fundo e trabalhar com eles directamente. Neste disco, por exemplo, tive a oportunidade de continuar trabalhar com antigos aliados, como é o caso do Phil Mendrix, o David Soares ou o Beyonder, mas também de conhecer e trabalhar com artistas que respeito imenso, como é o caso do Jorge Bruto (de Capitão Fantasma) ou o já lendário *performer* de Cabaret Joe Black.

De que modo é que acolherás a proliferação da tua voz musical odisseica e odina e "de-outra-coisa-qualquer-nova" mundo fora? Ou não cogitas sequer sobre este detalhe?

Acolherei essencialmente com satisfação, e trabalho afincadamente nesse sentido. Ainda este ano conto fazer alguns espectáculos pela europa e fazer chegar a minha música a novas plateias. Aliás é com imenso prazer que te posso indicar que La Chanson Noire passou já nas rádios de pelo menos 20 países diferentes.

Queres referir algum projecto musical, português ou não, de que tens desfrutado particularmente, nestes últimos tempos?

Por necessidade profissional, acabo por ouvir mais as bandas que vou produzindo do que o resto que se vai fazendo aí fora. Ouvi muito o disco de Espelho Mau, e o de Aires Ferreira (este último, em especial, não consigo deixar de ouvir, é delicioso). De resto tenho ouvido imenso *jazz* dos anos 30 e pouco mais.

O "Contra-panorama", o Satanismo e a Acção são uma, vá, santíssima trindade ou pecadora trindade, no que de melhor, conotativamente, "pecadora" exala, logo quais é que são os teus votos para a condição da mesma no presente dos dias? E será que pensas o futuro, nomeadamente, como é que acolherias o facto de que, através das vozes de pessoas, os teus olhos e as tuas mãos andaram bem certos tanto tempo e, ao teu lado, o "cinzentismo" e mesquinhez delas vicejavam tão teimosos?

Há uma noção instaurada de que tem muito *estilo* agir contra os valores instituidos só porque sim. Eu acho isso particularmente imbecil. Age-se contra o que se acha errado. No meu caso pessoal, encontro-me muita vezes a navegar em cursos contrários ao da maioria das pessoas, a mostrar projectos que parecem soturnos, estranhos, não porque tenha espírito de contrariedade (que até o tenho) mas porque não acredito que o indivíduo tenha que se conformar com os padrões de norma. Nesse aspecto, encontro-me com o satanismo no sentido da exaltação da individualidade, do fazer prevalecer a essencia pessoal. E nesse aspecto, de uma forma geral, acho que a trindade que mencionas está bem salvaguardada por ora.

Pedia-te, Charles Sangnoir, que nos presenteasses com alguns episódios teus de humor e de Boémia! Alguma situação que queiras partilhar?

Nem por isso. Vale-me mais a fama que o proveito: cada vez mais me encontro enclausurado a compor e a trabalhar e cada vez mais me refastelo na minha misantropia suave. É um tédio, meu caro. Tivesse eu tantas putas e vinho verde como me atribuem! (que já as tive não nego...)

Regressando a um dos tópicos da tua outra entrevista na *Infernus*, a Cozinha, conta-nos se tens criado algum prato novo! Será que tencionas vir a criar, no teu horizonte, alguma visão ou marca engrandecedora neste sector da Cozinha? Se sim, de que forma?

Criar, em boa medida, não tenho criado. Mas tenho realmente lido bastante sobre culinária, tenho investigado bastante e tenho experimentado alguns pratos novos, especialmente comida árabe e persa. Tenho também andado a passar para papel algumas ideias que quiça terminem num livro de cozinha. Mas antes desse haverá outro...

Quase a terminar e antes de irmos beber juntos alguma coisa pujante e sorrir a noite nos nossos rostos de predadores da Sorte, que produtos de cinema e literatura ou outra forma de arte é que tu gostarias de recomendar?

Recentemente revi um filme que adoro e devo recomendar vivamente: *Salo*, do Pasolini. É genial, ou não fosse baseado nos *120 dias* de Sade, e esteticamente lindíssimo. Todo o filme parece uma fotografia. Por falar em fotografia, recomendo o livro *Rose, C'et Paris* da Bettina Rheims e do Serge Bramly (que aliás, é autor de um magnífico livro sobre macumba). Num registo mais pipoca, adorei o filme que saiu recentemente sobre Alfred Hitchcock e recomendaria qualquer artista de contra-corrente a vê-lo o mais depressa possível. Ainda sobre navegações literárias, tenho estado a descobrir o maravilhoso mundos de Adília Lopes e Pedro Paixão. É do Melhor.

O que é que consideras ser mais controverso e chocante no mundo das diversas relações humanas?

A hipocrisia. Detesto no ser humano a falta de frontalidade. O mundo das artes é pródigo em demonstrar o cinismo e a hipocrisia na sua mais perversa forma e esse sim é o meu némesis.

Entre Satanismo, Hedonismo e Musicalidade Metafísica que sinónimos extrais deles e incorporas em ti próprio?

Todos estes termos fazem parte do meu universo. Não sigo à regra as normas estabelecidas pela escola de Lavey, como não sigo as regras de nada. Sou bicho torto e não pratico o carneirismo de sorte alguma. Mas encontro nas raizes satânicas bastante inspiração. Desconfio bastante de quem não se assuma hedonist por excelência na medida em que só somos verdadeiros, vibrantes e úteis, depois de nos servirmos a gosto. Quanto ao último termo, e até pelo que te afiancei sobre o conceito por detrás do meu mais recente disco, inunda-me de ponta a ponta.

Finalizando. vamos lá para a maré entusiasmante da Arte e da Boémia, que frases queres deixar, na tentativa de que se escolha regularmente algo de uma/em uma e para uma Vida genuína, musicalmente descrevendo?

Deixo-vos com a minha expressão idiomática favorita, muito adequada até à filosofia mefistofélica, e que para mim resulta na perfeição: "*Pimenta no cú dos outros, para mim é refresco*". •

A consciência da Escolha

Adamastor

A escolha é imperativa, em toda a sua essência, suporta toda a existência, e digo isto do alto da minha sapiência depois de ter feito um ligeiro alongamento mental.

No instante seguinte ao nosso nascimento estamos a tomar a nossa primeira decisão, decidimos ou não respirar… parece rebuscado, mas não será tanto assim? Antes de continuar, deixo claro que para mim cada decisão tomada é precedida de uma escolha, decidimos porque escolhemos decidir, podíamos escolher não decidir, certo? Sim, eu sou assim…

Ora bem, fiquei então na afirmação de que a escolha, o ato de escolher " v.t. Selecionar, adotar, optar, preferir, eleger ", suporta toda a existência e não existe nada que exija tanta responsabilidade a cada um de nós como a escolha, a possibilidade e a inegável necessidade de ter que escolher, pois a vida a isso obriga.

È de facto um problema isto de escolher, para mim é das tarefas mais difíceis que tenho que enfrentar neste exercício que é viver.

Imaginemos por instantes a seguinte experiência: peguemos num recém-nascido qualquer e isolemos esse Ser numa sala, e desde os primeiros instantes de vida tentemos ao máximo não lhe dar a possibilidade de escolher o que quer que seja. Difícil de imaginar, bem sei, mas façam algum esforço... Esse Ser nunca teria que escolher nada, nada de nada. Tudo lhe seria dado conforme as suas necessidades, mas sem saber que existe algo mais. Nunca ter que escolher o que vestir, o que comer, o que ouvir, o que ler, em que acreditar… sustentar a vida do alvo da experiência sem que ele esteja preso, podendo simplesmente escolher sair dali para fora, mas nunca sabendo que tinha essa possibilidade… no que daria isso? Pensem, nunca terem que escolher o que quer que seja mas também não terem a consciência de que a possibilidade de escolha existe… cépticos? Até eu um pouco, pois acredito realmente que se desprovidos da consciência da possibilidade de escolha, os instintos mais básicos viriam à tona, pois é imperativo que se façam escolhas, é imperativo para a existência, pois o poder de escolher gera uma decisão e essa decisão gera uma acção e essa acção um resultado e esse resultado, pode ser o esperado, ou não. Se não escolhermos em consciência os instintos irão escolher por nós.

Não seria isso melhor, movidos a instintos como meros animais? Vejo a perfeição, o equilíbrio na lei da selva… animaizinhos a correr, desprovidos de consciência, onde só os mais básicos instintos prevalecem, despidos de qualquer humanidade, vivendo sobrevivendo, reagindo a estímulos e nada mais.

Escolher com a consciência de que se está a escolher é importante, mas será que algum de nós sente a enormíssima responsabilidade que é escolher?

Escolhemos para desbloquear situações, como quando vamos numa rua e encontramos dois caminhos diferentes tendo que decidir por onde seguir. Se soubermos qual o nosso destino, o resultado final, e se soubermos qual dos caminhos vai lá ter, a decisão é óbvia, vamos por onde nos servir melhor. Escolhas destas tomamos nós todos os dias, de forma quase automática, pois aí escolhemos conhecendo todas as variáveis, o grande problema começa quando temos que escolher o caminho não sabendo o destino, ou pior ainda, ter noção de onde queremos chegar, mas não saber que caminho escolher... e tendo a consciência de que fazendo a escolha errada podemos nunca chegar ao nosso destino e para piorar ainda mais, a nossa escolha, seja ela qual for, irá obrigatoriamente afectar outra pessoa qualquer, próxima ou não de forma positiva, ou não.

Podemos ser individualistas, o Homem é de facto uma ilha, mas estamos todos ligados pelas escolhas individuais de cada um. Cada escolha deveria ser precedida de uma profunda reflexão, pois da mesma forma que o bater das asas de uma borboleta pode provocar um tufão do outro lado do Mundo, se eu escolher matar a borboleta, então que terror infernal poderá advir daí? Cada escolha nossa tem o poder de desencadear a extinção de toda a vida neste Planeta, temos que ter cuidado com as nossas escolhas, pois não estamos a decidir apenas por nós próprios, estamos a fazê-lo por todos.

Mas contra mim falo, escolho de forma impulsiva, pouca reflexão passa por este cérebro cansado, sei muito bem o que quero para mim e para os que me são próximos, sei muito bem qual o caminho a seguir e decido por isso com um conhecimento profundo de mim próprio . Olhem para mim e vejam as escolhas que fiz. Não tenho vergonha das cicatrizes que trago em mim, fruto de escolhas dolorosas, nem escondo os arrependimentos de escolhas despropositadas, pois tenho orgulho de escolher em consciência, fiel a mim próprio, aos meus ideais. Prossigo um caminho por vezes tortuoso derivado daquilo que escolhi, pois sei aquilo que sou, aquilo que poderei vir a ser, sei pelo menos aquilo que anseio ser, porque a vida é vivida entre anseios e desejos, tendo sempre a esperança de tomar a decisão certa.

Porém, atingir um fim baseado quase em exclusividade na escolha é um puro jogo de azar. Porque o resultado da nossa escolha não é previsível, principalmente quando somente algumas vezes escolhemos tendo conhecimento de causa. Como podemos escolher se não temos confiança no conhecimento que temos e como poderíamos ter, se praticamente tudo que nos rodeia é manipulado? O mundo real é virtual!

Nunca poderemos ter certezas nas nossas decisões, pois nunca poderemos prever o retorno das mesmas, a informação da qual nos munimos para tomar uma qualquer decisão está a esmagadora maioria das vezes totalmente remexida e manipulada como uma vulgar massa para pão. Mesmo aqueles que orgulhosamente afirmam que não olham para a televisão procurando a informação "independente", até esses raramente farão uma escolha totalmente confiantes no resultado, pois uma escolha supostamente acertada hoje, poderá vir a revelar-se uma autêntica trapalhada amanhã.

Não é meu propósito amargurar algum leitor apanhado desprevenido neste devaneio confuso de um qualquer, mas só assim poderemos compreender o que realmente somos, qual a nossa essência, pois se conseguirmos decifrar a enigmática questão da escolha individual, vamos perceber para onde vamos realmente. Aquilo que escolhemos decide o nosso caminho, sim, acredito que o nosso caminho é feito por nós, decidido a cada escolha que tenhamos que tomar. Sabemos com certeza dentro de nós como encontrar a felicidade, sabemos que para chegar lá teremos que escolher, dia após dia, hora após hora, minuto após minuto somos obrigados a escolher, temos que o fazer e fazemo-lo, na esperança de conseguirmos chegar aonde queremos.

E não tenhais medo se num momento de lucidez se encontrarem num sítio totalmente oposto ao pretendido, pois se escolhermos conscientes com o propósito de avançar, de evoluir, de concretizar, então podemos dar a nossa passagem como bem empregue, pois antes escolher do que escolherem por nós. Se decidir vos deixa ansiosos, deprimidos, preocupados, com vontade de se lamuriarem, porque é bem mais fácil deixar andar, lembrem-se que pior era não existir possibilidade de escolha.

Como já um venerado pensador disse em tempos , "... Para a realidade humana, ser é escolher-se... " , pois só escolhendo escolher poderemos vir a ser alguém à nossa própria imagem. •

aequus nox

Fátima Vale

I

no cativeiro o ouroboro devora-se_____ rejeita a internidade lapidada do terrortório

em carne viva resiste na ilusão da luz _____ alvo poema do desejo _____ milagre filial do caos

o corpo do ouroboro está cinza do ocaso _____ golpe sangrento de uma inexistência de calor no cárcere privado _____

cada ave que passa estende-lhe um voo de desespero e saudade_____

foder e amar é o nome da galeria onde o leite primordial se derrama para o abismo da noite _____ equinócio mutilante do supérfluo _____ mâgnanima chuva quente sobre o gelo do desencontro

sofrer ao relento é a libertação do condenado

o ouvido mutila-se e arrasta-se pela lama _____ jazida humanal _____ cosmética dos espectros

dormir é a provisória eternidade _____ a morte visitada

II

escorre dos golpes do meu braço terebentina _____

ninguém a recolhe e o seu cheiro é alheio ao olfacto dos homens _____ por vezes há um animal que de passagem a lambe diluindo o pigmento da sua língua _____ disso por vezes brota uma ou outra tela conservada na intemporal existência das coisas _____ tatuagens na transcendência cutânea do vivido

_____ auto fecundação _____ contingência do perecível

quando nos abraçamos é toda a vivência que fica no ovo do ouroboro que criamos com os braços _____ sucede-lhe ficar esbranquiçado pela incidência de muitos sóis _____

então a ideia liquidifica-se resinosa dentro do caule da memória _____

e renasce

dos coníferos ramos que as mãos me seguram _____ só o processo incendiário produz energia

a dança dos mortos mantém a terra batida no meu peito sem que a poeira se esvazie de mim por lapso

da fala _____

o sol que carregas abre e fecha todas as coisas _____ •

As escolhas e a manipulação da ilusão

Luís Couto

Ciências que noutros tempos estavam reservadas aos estratos mais elevados de diferentes sociedades, como a astrologia e a numerologia, quando popularizadas ficaram restringidas a práticas divinatórias e alvo de superstições. Já noutros tempos também eram usadas na divinação, mas este papel representava apenas uma pequena parte da sua importância e utilização prática.

Ciências como a astrologia e numerologia mais do que adivinhar o futuro, podem expressar tendências que advêm de condições muito particulares relacionadas com o nascimento de um indivíduo; são expressões visíveis (para alguns) do invisível. Existe uma série de características que nascem e acompanham um determinado indivíduo ao longo da sua vida, mas que não ditam a sua vida. São simples ferramentas que foram colocadas à sua disposição e que evidenciam a diversidade de diferentes combinações de elementos da natureza. O que é feito com essas ferramentas cabe a cada um a partir daqui entramos na problemática das escolhas.

A maior parte dos indivíduos fará as suas escolhas de acordo com as características que herdou (e não se trata somente de uma herança genética), mas há indivíduos que, assumindo as possibilidades e limitações presentes na sua herança, têm efectivamente poder de escolher por si.

Outra questão importante a observar na questão das escolhas é a forma como escolhas aparentemente anatagónicas conduzem a um resultado semelhante, devido à teia de interinfluências que liga todas as coisas (a wyrd dos nórdicos).

Pode adoptar-se uma atitude passiva ou activa em relação a todas as coisas que acontecem. Podemos deixar que elas nos aconteçam ou sermos nós a criá-las. Para isso, é preciso ou agir sem agir, ou agir de uma forma específica sabendo que determinada acção conduzirá a um resultado pré-determinado.

Ainda, mas de outra forma, a realidade é uma ilusão, mas uma ilusão real na qual podemos ser manipulados ou a qual podemos manipular. É o conhecimento a um nível mais do que empírico da verdade de que a realidade tal como qualquer ser humano a concebe normalmente, no seu dia a dia, é uma ilusão, que pode permitir a manipulação dessa realidade ilusória ou dessa ilusória realidade. É possível, no entanto, agir-se sem agir, não ficar preso na ilusão, mas optar por não manipular a realidade, uma vez que a escolha dos melhores caminhos para o mesmo destino não depende do "eu" ilusório, mas do "eu" que transcende a ilusão.

Para que serviria então a astrologia e a numerologia para homens bem mais sábios? Para se compreenderem-se a si próprios e ao seu próprio papel no universo e para poderem determinar o melhor curso de acção em cada situação, para determinarem momentos favoráveis a determinadas operações, de acordo com uma harmonia universal que tanto se expressa pela forma de números, como pela posição dos astros, como pela consonância das notas musicais. Trata-se de agir sobre a realidade inferior, que pode ser lida pelas estrelas ou pelos números, a partir de uma realidade superior em que não há nem estrelas nem números. Mas as duas são indissociáveis e influenciam-se mutuamente.

Muitos jamais perceberão que realmente têm escolha, partem pelos caminhos que lhes foi desenhado seguir, são conduzidos cegamente através da vida. Outros perceberão que têm escolha e cabe-lhes decidir o que fazer com ela. •

Entrevista a António da Silva Oliveira

BM Resende

António da Silva Oliveira, editor há 30 anos, foi por nós escolhido para troca de galhardetes. Irreverente, abjecto, resistente, o projecto editorial morto continua com pulsação.

De como se define de si mesmo: "As Edições Mortas traduzem por escrito toda uma época literariamente destroçada, truncada à base de signos despedaçados e objectos perdidos na imaginação transimbólica das sagradas escrituras e todos os seus desmistificados evangelhos numa praáxis de inutilidade teórica, artística e cultural. As Edições Mortas é um cadáver que dá à luz três, seis ou nove vezes ao ano, o novo homem morto que recusa proclamar toda a espécie de literatura.". De poeta a performer, de editor a performer, eis o que pulsa para além.

Porquê Edições-Mortas?

A razão está bem explicitada na página www.edicoes-mortas.com e nos livros entretanto vindos a lume. Assim não só editamos o que gostamos como todo aquele livro que deve vir a lume e se mais não editamos é por razões da miséria do nosso meio.

Em trinta anos de edições de livros que momento ou momentos te marcaram mais?

O próximo livro.

Cada edição é por si uma vitória?

É o sinal da necessidade da nossa existência de cadáver esquisito.

A revista de poesia Piolho atingiu as 10 edições. Consideras que ela vive ou sobrevive?

Estamos a preparar mais dois números.

Sendo a revista Piolho, aparentemente, extremamente abrangente, que directrizes editoriais tomas?

Tentamos publicar Poemas.

Como defines poesia?

A justiça e denúncia de alcançar o silêncio.

Recentemente publicaste um livro de teatro de nome VIS, podes apresentar resumidamente esse trabalho?

São dois trabalhos com a mesma denúncia: deus, pátria e autoridade rostos da mesma página em branco a que somos seduzidos e reduzidos racionalmente, a irracionais a deambular entre os sete pecados mortais como figuras de cera.

Recentemente publicaste também "Terra Assombrada" do Humberto Rocha, podes falar um pouco do livro?

O autor saberá melhor que eu.

O próximo projecto chama-se Estúpida. Em que irá consistir?

O melhor é reproduzir parte do «editorial»: "(«…)O mais impossível dos desesperos é o mais actual e aquele que mais nos magoa nesta existência irracional possuídos pelo bem de pensar. O facto de termos nascido leva-nos ao desespero e ao desejo estúpido de eternidade. É esta estupidez que nos faz encher as bibliotecas, museus, meios de comunicação e cemitérios desse ser insubstituível em extinção. E a estupidez é tanta que ninguém percebe o porquê da edição da Estúpida nestes tempos digitalmente estúpidos e à beira de um banho de sangue. Depois das revistas culturais (entre muitas outras) : Última Geração e da Voz de Deus voltamos a atacar com a ESTUPIDA magazine com os mesmos propósitos e todas as novas tendências do desespero de quem insiste em arrancar-nos a liberdade de expressão»".

"O mais impossível dos desesperos é o mais actual e aquele que mais nos magoa nesta existência irracional possuídos pelo bem de pensar. O facto de termos nascido leva-nos ao desespero e ao desejo estúpido de eternidade. "

É óbvio que os monopólios de mercados e a "coisificação" da literatura deixam pouca margem de manobra. Que armas utilizas para essa guerrilha?

O segredo está no espírito de missão contra o espírito do nosso tempo. A venda à mão…é a melhor maneira de vender uma arma.

O que é que para ti o que se passa em Portugal em termos de teatro? Ou estará morto?

Por um teatro amador. Vi nascer e morrer teatros, actores mas continua a ser miséria nossa de só depois de morto alguns autores verem os seus trabalhos em palco.

Para ti o abjeccionismo é uma necessidade social?

Sim é mais objectivo nos dias que nos correm… Com o fecho das cagadeiras públicas é frequente vê-lo a babar-se pela via pública e na sua estética mais sublime que é ver os nacionais fascistas bêbados pela "«movida»" dos centros históricos a darem sopa nos sem-abrigo mijando-lhes e cagando-lhes em cima .

Que livro te deu mais prazer escrever?

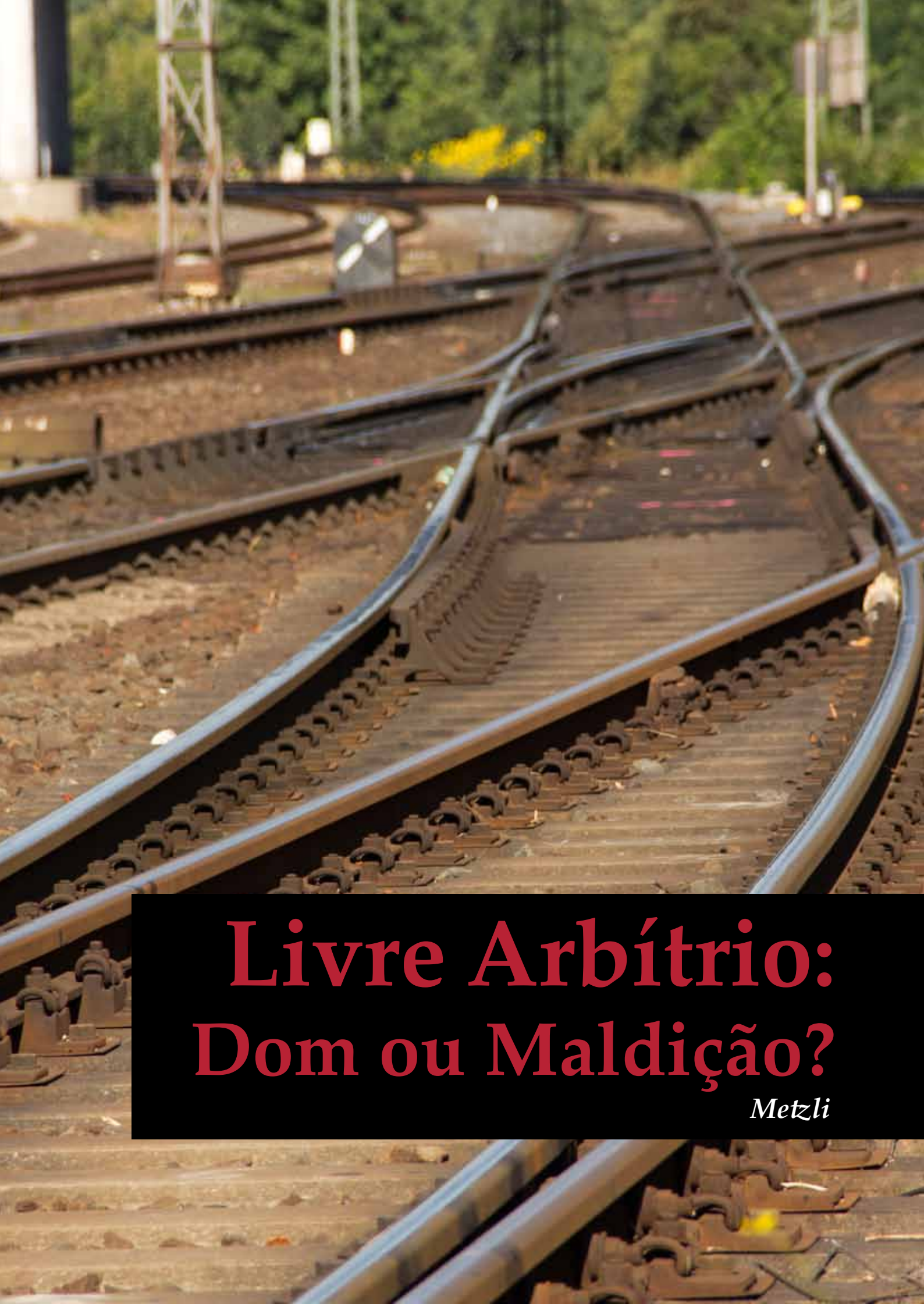
O próximo (virá a lume este ano?) o "Violência Gratuita" onde na resposta anterior podes ler o "«ambiente»".

No futuro vês mais espaço para a escrita livre ou a continua proliferação das máquinas de produção de peste-sellers?

Há quem goste de escrever com a "«mão»" do dono… enquanto tiver língua e dedo escreverei com a minha.

Achas que um dia poderão deixar de existir leitores de poesia e teatro?

Nunca existiram mas estão contra nós. •



Livre Arbítrio: Dom ou Maldição?

Metzli

Qualquer pessoa que me conheça minimamente dirá que uma das minhas maiores dificuldades sempre foi a escolha. Desde a escolha mais importante da vida à escolha mais mundana, acreditando eu, desde sempre, que ambas têm a mesma importância. Desde a escolha de como pentear o cabelo à mais rebusca encruzilhada da vida.

Sempre fui assim. Sempre desejei ter tudo, sem limites ou limitações, sem pensar que os recursos são limitados. Por mais parvo que possa parecer a alguns, acredito que fomos "programados" para desejar o infinito do Universo e que nada menos do que isso nos deixará satisfeitos e realizados. Nada menos do que tudo na totalidade. E por isso nunca paramos, porque nunca obtemos o global.

Alguns de nós são, obviamente, menos ambiciosos, mas de uma forma geral temos necessidades infinitas para recursos finitos, o que nos coloca perante escolhas. O meu problema com as escolhas é, por um lado, ter de abdicar de algo. Mas de quê? Como é que eu posso ter a certeza que estou a abdicar de algo neste momento que me vai continuar a estar acessível no futuro, para que, caso eu perceba que a escolha não foi a melhor, possa voltar e mudar a minha escolha? Como é que eu posso estar a escolher de ânimo-leve o que quer que seja sem saber que é mesmo isso que necessito e que me fará melhor?

Sempre desejei infinitamente, e na impossibilidade de tudo vir a ter, fico indecisa sobre o que escolher também porque para mim, a escolha e o desejo andam sempre lado a lado, ainda que por breves passos. Assim a escolha implica, na minha mente, escolher algo em detrimento de outro, semelhante ou não, ou seja, por vezes, quando as nossas escolhas implicam relacionamento com outras pessoas, estamos a dizer que serão a nossa eventual segunda escolha. E ninguém gosta de ser uma segunda opção…

Por vezes, até penso que esta nossa capacidade, enquanto seres vivos inseridos num planeta, e este direito, enquanto cidadãos de uma determinada sociedade, é bem mais uma maldição do que um dom. Porque implica escolher o que nos parece melhor e viver com a nossa escolha. Com as nossas escolhas todas juntas e combinadas. O universo é composto por infinitas partículas, movidas por forças ainda desconhecidas por nós. Como ter a certeza que as nossas escolhas estarão a mover as partículas como nós desejamos?

É como nos filmes de ficção científica, em que viajamos ao passado, e por matarmos um mosquito alteramos profundamente todo o presente que conhecemos. Mas aqui o passado é o presente, o presente é o futuro, e não temos ainda a possibilidade de voltar e jogarmos à melhor de três. Escolher é assumir um compromisso e por isso é tão assustador para mim. Porque não conheço as implicações exatas das minhas escolhas. Não de forma clara e objetiva.

Apenas podemos prever. Prever com base nas experiências passadas e no conhecimento partilhado pelos da nossa espécie e da nossa cultura. Com toda a margem para erros que nos é permitida. Isto de sermos seres humanos tem muito que se lhe diga. Que raio!

Não há fórmulas resolventes para encruzilhadas como para as equações de segundo grau. Não temos teoremas para calcular a intensidade das nossas ações no mundo como temos para calcular o volume de corpos. Temos apenas uma timeline unidirecional onde temos de gravar o filme num só take, sem um diretor que grite "Corta" e que nos obrigue a repetir tudo vezes sem conta até à perfeição.

Pelo menos nós não o temos, ou não acreditamos tê-lo, como preferirem e de modo a não ferir susceptibilidades. Os crentes acreditam que têm. Nós não. Nós estamos por nossa conta, o que aumenta o peso sobre os nossos ombros e as responsabilidades. Às vezes penso se serei a única a sentir o medo e a angústia por andar numa corda, só ter a possibilidade de andar para a frente, e não ter uma rede de segurança. Serei só eu que por momentos na vida penso que os crentes estão um passo à nossa frente em matéria de felicidade?

"Não há fórmulas resolventes para encruzilhadas como para as equações de segundo grau."

Contudo, depois percebo que tudo é relativo, como acreditava Einstein. Que as pessoas são diferentes e como tal os seus interesses, objectivos e ambições também o são. Tal como disse Vitor Hugo, "é o inútil que torna a felicidade completa" e o problema é que há muito poucas coisas no mundo que considero inúteis, embora outros à minha volta consideram que essa lista é bem maior.

A nossa vida deve ser mesmo assim, um conjunto de escolhas desde o início, que nos leva de um ponto a outro e que nos vai moldando os processos cognitivos e alterando a nossa lista de prioridades. •

Escolho o condenado que vive em mim

José Macedo Silva

"O primeiro sinal de que o animal se tornou homem é quando os seus actos deixam de se ligar apenas a um bem-estar momentâneo, mas sim durável…"

Nietzsche, Humano, Demasiado Humano, pág. 94. .

Ora, sim, aqui temos um conceito de pessoa, de Homem, e com ele a moral de pessoa, que se confunde por vezes com a noção psicológica de personalidade. É difícil, dentro do conceito de pessoa, traçar uma fronteira visível, palpável, entre o indivíduo, - ser biológico que desde a gestação sempre o foi, e o indivíduo, - ético que se construíra desde o tempo do nascimento, altura em que assumira uma personalidade jurídica, e mais tarde um cidadão capaz e legítimo, visto que, o mundo humano é lamentavelmente, para mim, um mundo de moral e maus valores.

A pessoa se define-se na sua identidade, e a mesma assume-se na consciência reflexiva do mundo e de si próprio - o Homem, autor de actos, um ser livre e responsável, condenado a escolhas, a escolher.

Mas, aí está o paradoxo, é que por muito que nos custe escolher, porque escolher sugere implicitamente o ficar com algo em detrimento de uma outra coisa, é na capacidade de escolher que se traduz a originalidade humana, e se vê ultrapassada a sua animalidade. O Homem é uma exibição musical em dueto, não uma esfera de aço, redonda, circunscrita e circunspecta, fria, gélida. Assim, este Homem, este sapiens tecnologicus vivente do século XXI se assume-se como humano, um sujeito consciente, com vontade, livre, alterando o mundo, reformulando para o bem e para o mal a natureza em volta, construindo uma verdade, a sua verdade num universo pessoal, simultaneamente social, e vice-versa, preenchido de símbolos, regras e valores.

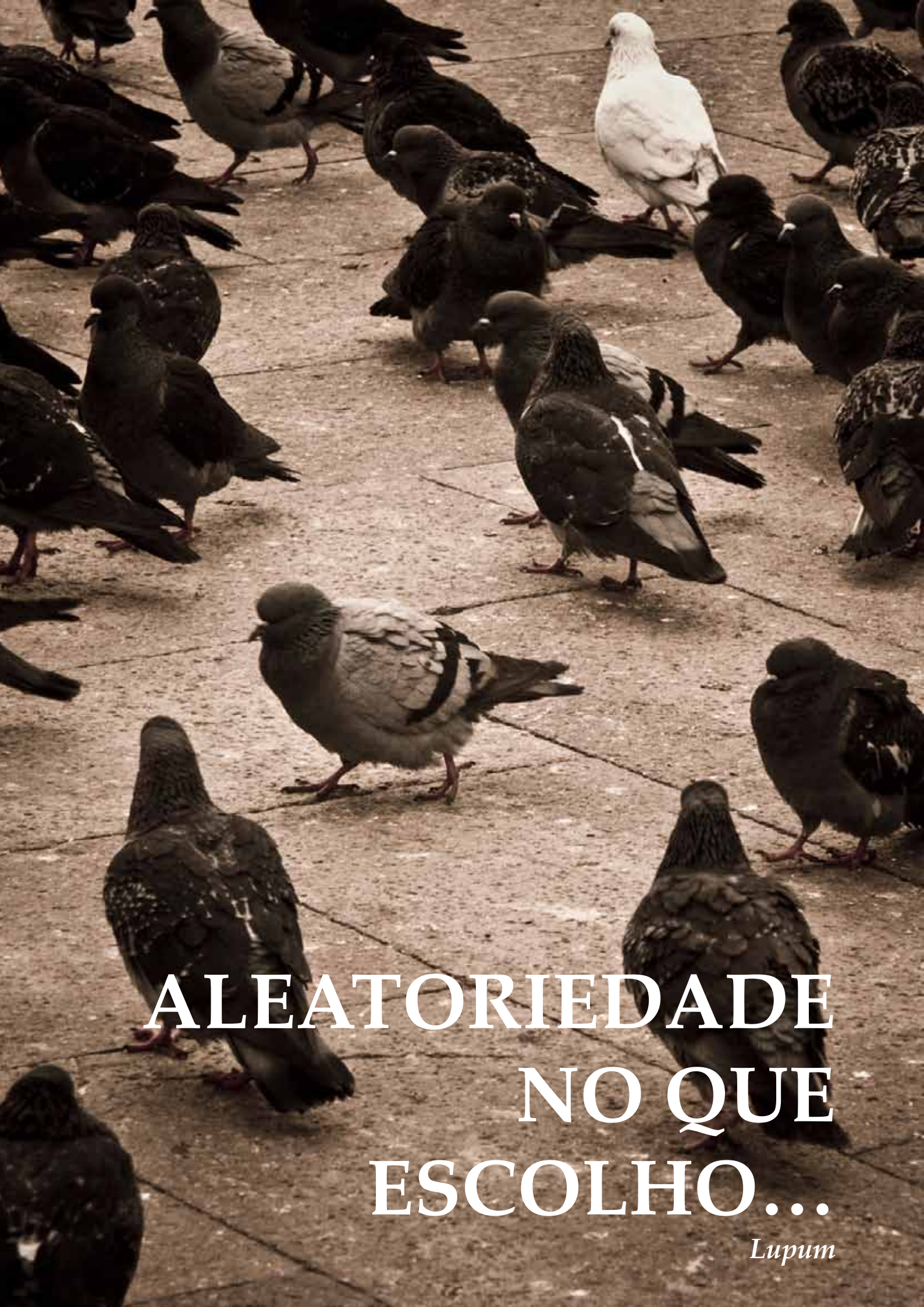
O meio animal se restringe-se aos limites permitidos pela natureza, pelo contrário o Homem lança os olhos bem para lá de, ultrapassando as barreiras e as fronteiras da percepção; para ele não há espaço material que o detenha, desde que seja livre no seu espaço mental, porque é a imaginação a primeira das causas e das coisas, ela, a imaginação e a criatividade precedem a obra criada.

Só que, o paradigma inquebrável, o percurso sinuoso e complexo do Homem, a sua vida requerendo escolhas e decisões; eis o grande desafio da raça humana, espécie sensível, jovem, racional largada no espaço infinito qual boomerang girando em torno de si mesmo, no redor do Cosmos.

Primeiramente o Homem é nada, e só depois será alguma coisa, diz o existencialista. Nada mais correcto, e ele, o Homem, será o que ele se fizer, desejar, escolher. Todo ele é uma escolha subjectiva, e vive-se subjectivamente, porque ele será o que tiver projectado ser, diz o catecismo existencialista, porque se eu escolho ser pai, escrever um livro ou seguir uma carreira militar, a ser professor, engenheiro ou padeiro, foi porque o decidira, numa escolha consciente.

Mas a consequência da escolha voluntária é o que me condena a mim mesmo; pois sou responsável pela mesma, respondo mesmo na minha restrita individualidade, mesmo que determinadas escolhas sejam fruto de circunstâncias da vida, e me atenue a pena. Só e sem desculpas, me sou livre, eu mesmo a liberdade em potência, carregando às costas o pesado fardo da minha humanidade, condenado a me inventar, a me decifrar constantemente, e cujas escolhas e liberdade esbarram nas escolhas e liberdade do Outro; e isso pode ser pavoroso, pois gerará confronto.

Muito particularmente escolho ser livre, mesmo que para muitos a noite em pessoa; recuso a servidão voluntária, assumo os meus erros, vivo, consciente e responsável, rejeitando do meu cerne e expulsando das minhas entranhas e mente a toda e qualquer figura cruel, e adorada de um tirano que me castre e me retire capacidade de escolha, assumida na idade da razão. Apesar de amoral, deveras inútil, machista e viciado no prazer, mesmo que não me olhem na rua, fujam de mim, me falem a golpes de canivete, mesmo que o epílogo da minha vida não seja mais que um pobre e medíocre deus ex machina, sei que não estou só, me tenho a mim mesmo, a escolha bastante. "Sou em eu mesmo, que remédio!…" A. Caeiro. "Sou eu mesmo, uma escolha que se vive subjectivamente. Ainda bem, e antes isso que um deus possível." •



ALEATORIEDADE NO QUE ESCOLHO...

Lupum

Há já muito tempo atrás escrevi parcas palavras que muito significam, "Quem sou eu? Sou alguém dentro de um corpo que é meu (…)" A possibilidade de escolha define o nosso caminho…

O nosso mapa! Confesso de pé e de olhos bem abertos que quando tenho de escolher certas coisas pareço sofrer de um transtorno de personalidade dependente. Não sei se… Que achas que…? Merda para tudo!

As escolhas que não tomo podem vir a apoderar-se de mim. Escolhi ser um homicida boémio. Assassinei o poder de escolha. O eu boémio sente-se encravado na fissura de um continuum espaço-tempo. Solta-se quando é escolhido por decisão!

Cuidado com as escolhas que fazes, já diziam os mais velhos… Experiência que tenho de repetir para obter a redenção do eu conservador! Jogos de eus… Quantos eus tenho eu, afinal? Hoje sou um jogo de máscaras onde tenho o poder de decidir sobre o eu não mascarado! Vingança sobre mim! Eu vs eu! Rua a direito, rua em frente… Caí, tropecei, levantei-me! Eu posso escolher jogar o jogo que mais me convém! Não preciso de tomar qualquer escolha no que sou! Posso ser, simplesmente ser.

Camuflagem de sítios, de posições repletas de novas escolhas. Uma escolha leva, infindavelmente, a uma nova escolha! Castelos de cartas que são esticados na passadeira. Cuidado! Sinal vermelho! Escolhe quem és. Escolhe bem… Não podes voltar a trás!

Dizem que o tempo não volta atrás. Dizem… Dizem muita coisa! Muita merda atirada em papeis para serem fumados! Escolho fechar os olhos e diluir o meu olhar. Não sei o que sinto… Posso escolher? Talvez não… A minha melancolia, essa, não a posso escolher… Ou será que posso? Depressão constante a abater-se nas curvas das palavras. É já de noite…

Vou-me deitar. Pego em mim com as poucas forças que me restam e levo-me em ombros… Adormeço… Não restam um pouco de escolhas daquilo que gostaria de ter feito hoje.

Só por hoje trocaria aquele copo com vinho por um cumprimento…

Só por hoje precisaria de ter escolhido fazer o tal telefonema…

Só por hoje visitaria o amanhã…

Só por hoje faria da minha escolha, fazer outra escolha…

Só por hoje morreria com a minha escolha – Assassino!

Só por hoje não devia ter perdido a oportunidade de dizer que te amava!

Só por hoje… Poderia não haver amanhã. Esse poderá, um dia, ser tarde demais!

Perco-me num só pequeno momento. Um momento que decide as escolhas que faço… Esta história não tem o ritmo que lhe desejo vestir. Escondo-me atrás da caraça da primeira escolha. O mundo, a vida, a escolha… Tudo é um momento. Tudo é feito num ápice. Enchente de gente que insiste e não desiste. Sou um produto dessa gente? Não. Escolhas sobre mais escolhas. Posso deliberar sobre mim. E sobre ti? Posso opinar, mas a decisão final só me cabe no que é verdadeiramente meu! E nem sempre as escolhas que faço são escolhas… São mais selecções de sentido único. Direcção contrabandeada num cruzamento sem sinalização. Deposito as minhas escolhas em outrem… Não perco a identidade. Mas perco o poder de escolher, não que o perca mesmo, mas sou obrigado a… Vou de Z para X… Vou de A para B… Paro a meio… A meio não existe nada, não existe algo… Limbo ingénuo criado por mim. Volta o poder de escolher… Mas não posso parar. Parado não escolho! Não há qualquer poder naquilo que poderia inventar pelo meio, pois o meio não existe. O que existe? Existe um início… Existe um fim… Abruptamente crio o meio de…

Hoje sinto-me parado a olhar para o vento. Oscilam as nuvens sem fim à vista… Já te encontraste perdido a olhar para o infinito? Escolho estar sentado na berma do Cabo Espichel… Escolho olhar. Escolho saltar para outra parte da imaginação. O mundo diante de mim parece-me enorme… O que existe para além? Quantos corpos já esta água terá levado. Quantos homens já terão daqui saltado! Sinto debaixo de mim um tremor… Já muitos outros saltaram daqui! Escolho não morrer hoje! Não assim… Daqui, sozinho!

O vento conta-me que o mundo permite-me escolher o que quero viver… Viajo até outro sítio, viajo já para ali ao lado. Sol que me queima. Copo de bagaço estendido pelo solo… Ouço a barba crescer! As nuvens escurecem… Tal como as escolhas, desaparecem… Choram quando evaporam… Lembro-me daquele início de primavera onde e quando o sol começa a queimar. Olho para baixo e vejo mais um ano desaparecer… O cheiro é outro, os planos são outros, as prioridades mudam, tu mudas, eu mudo! Escolhi mudar! Penso em mim há uns anos atrás. Aventura vivida na ponta de um cigarro a curvar o meu reflexo num copo, com um vinho qualquer… Quem era eu? Era como sou, apenas escolhi ser eu de outra maneira.

Os sinais cognitivos enfraquecem o torpor. Choca comigo a realidade. Caminho muitas vezes sozinho. Volto atrás nas memórias. Memórias dentro de memórias. Devia ter escrito um livro, O Livro! A minha vida esculpida com tinta…

De vez em quando é bom parar no tempo. Deixar a linha encravar. Ou seguir… Simplesmente deixar. Não fazer qualquer escolha! Poder parar e deixar seguir o tempo, comigo parado… Imóvel… Apenas a pensar. Há tanto tempo… E o tempo… E a vida… Olhar melancólico. A escolha de nunca estarmos verdadeiramente bem. Não se escolhe! É-nos imposto! Podemos tentar mudar. Podemos tentar escolher! A eterna insatisfação do ser humano e das suas próprias escolhas levam-me a pensar, a reflectir no que fui, no que sou e um pouco de mim no que poderei vir a ser. As escolhas fazem-se sempre no momento! Não faço a minha escolha… Sempre! Faço-a quando não me lembro… Faço-a quando me lembro. As escolhas são tuas, as escolhas são minhas. As escolhas não têm dono! Trela feia da cor da simpatia! Morrer e viver! Escolho ligar a corrente positiva…

Rasgo mais um olhar ao céu… Azul dizem alguns… Depende da perspectiva. Depende de quem o vê. Imagino-me longínquo, distante como já estou… Relembro o passado e a única opção possível é apenas recordar… Não o posso modificar, não que o queira, não que necessite… Mas escolho não poder escolher… Não que possa escolher outra coisa qualquer! Canalizo a percentagem de escolha! Altos e baixos! Escolhas e contra escolhas… Tudo depende de mim, directa ou indirectamente! Tudo é nosso, tudo é meu, tudo é teu… Escolho ortografar o que quero ler. O que quero que leiam… Escolho mais uma vez não pegar nas memórias…

O vento lá fora volta a olhar para mim. Lá fora estou livre. Não me conseguem aferrolhar o pensamento. Volto a sorrir. Esqueço-me de mim. Omito-te num estado premeditado! Sou juiz e réu na minha decisão. Quem escolho ser hoje? Serei eu mesmo? Mas… Quem sou? Já não sei. Espanco brutalmente as personagens criadas e revoltadas di-

versas vezes. Quem… (sangue escorre) Como… (sumo da vida flui) Levanto-me a vacilar… Falta-me a força para saber que explosão foi esta. Luta pelos direitos! Escolhas e mais escolhas para tentar saber quem é real! Heterónimos em constante luta!

Amanhã irei escolher… Irei excluir o que não escolho! Sensatez muito própria. Concordância entre mim, de mim, para mim. Remetente e destinatário das minhas opções.

Desço as escadas… Sei que hoje é a última vez que o faço… Preparo-me para ir morrer ali… Deposito a minha não escolha também escolha num depósito Random Access Memory… Vive em mim a parte mais forte! Quantas vezes não desejei ter feito outra escolha?

Contemplação pelo motivo de viver: TU! Sorriso alegre… Lábios que dançam juntos… Serenata de cores que se apressam em espreitar estranhas sensações… Êxtase… Olho-te e quero-te bem… Essência camuflada pelo sol… Pela lua... Excluo a possibilidade de me aproximar. Prefiro contemplar-te afastado… Seguir o movimento do teu cabelo longo. Amanhã sei que não terei escolha e que me vou aproximar, mas amanhã… Amanhã é longe… A vida… As escolhas que faço. As não escolhas que resultam das escolhas! Escolhas excluídas, dizem elas, não que falem ou que tenham o dom da verborreia – As escolhas… Hoje escrevo-te a dizer-te que és bonita… Chega! Não quero atrapalhar a minha escrita. Não quero atrapalhar o traço da caneta… O papel parece-me curto…Extenso, porque escolher quem se ama não cabe num mero papel! Não se escolhe… Há coisas que não se escolhem… Viro as costas ao assalto mental… Escolho ir ao teu encontro amanhã… Talvez seja tarde demais… Não volto atrás! O amanhã foi bom. Estou colocado mais além. Decidi bem… Sorrio novamente… Olho através das janelas sujas por olhares, e contemplo o que se passa lá fora…Estou parado e o mundo movimenta-se alheio à minha vontade. Ponto insignificante no cosmos. Importante no meu mundo! Eu sou o supremo omnipotente da vontade em mim.

As acções reflectem-se e estendem-se contra a minha vontade… Está sol e eu sento-me nas escadas sujas do jardim… Granito empobrecido por outras vidas… Existência vaga.

Injecto uma recordação! Bebo um Porto! Fumo mais uma memória! Desenho mais uma linha!

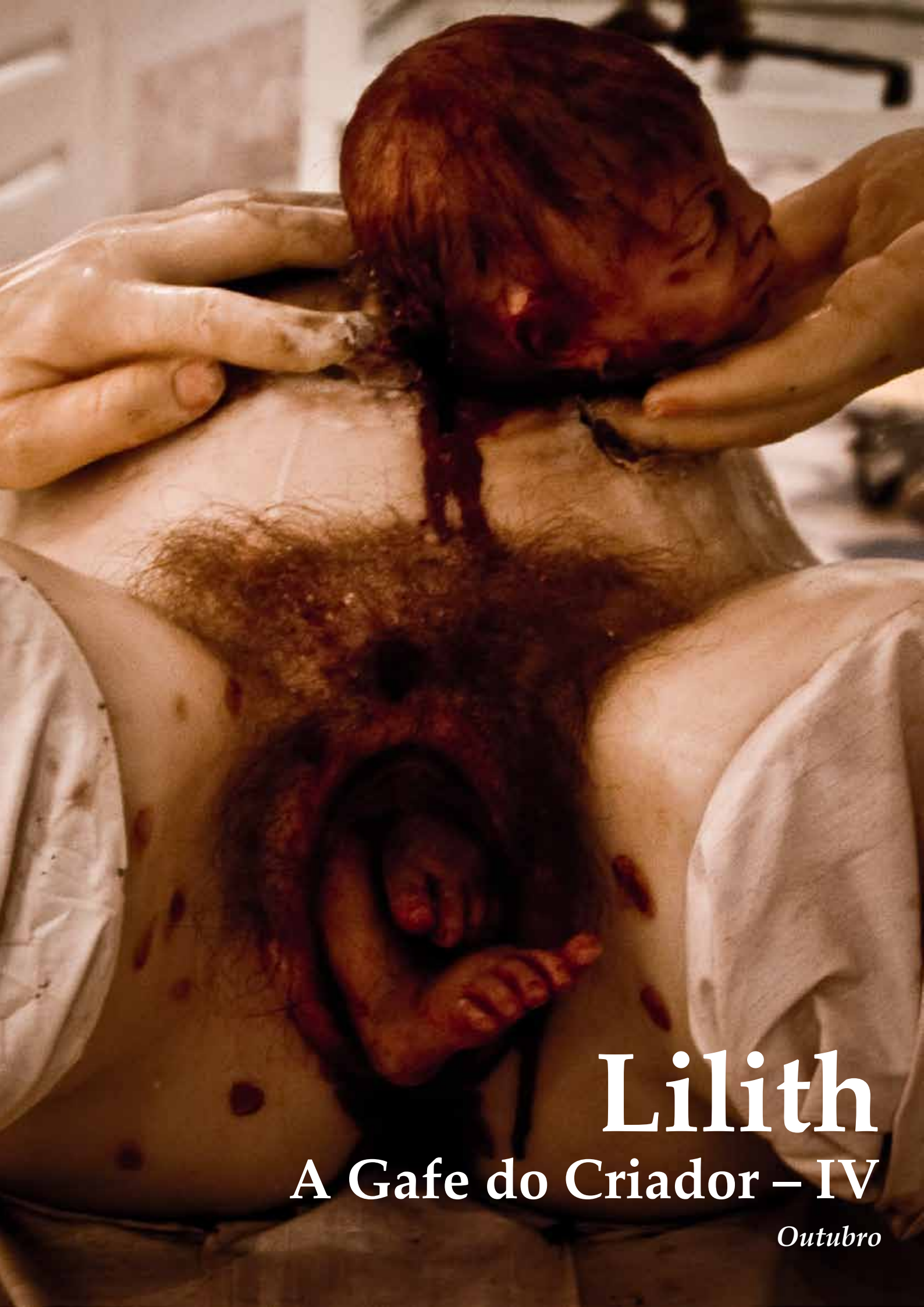
Olho em frente e desejo caminhar… Sensação de liberdade… Passeio junto ao rio…Foco-me nas pessoas… Imagino quem são, o tipo de vida que terão... Foco-me em mim! Mais uma vez, quem sou?

Escolho, só por hoje, e por um outro dia qualquer, ser um sonhador, um poeta… Sonho que sou a liberdade que escolhi! Olho-me e sei que não sou nada disso já… Não sou o sonho! Sou eu mesmo a sonhar que posso ser o sonhador que sonha e que não quer abdicar de sonhar… Sonho… Sou eu… Eu sempre… Sempre eu… Acompanhado de mim… Conduzido por sensações… Acompanhado por ti, por mim… Sou a escolha do livre escolher. Sou aquele papel branco a aguardar que me escrevam… Estou aberto até amanhã…

Helloween – The Chance

"(…)The chance you got comes never twice / Do your best, (and) do it right / Time will come but don't you hide / You are on your way (…)" •

"Amanhã irei escolher… Irei excluir o que não escolho! Sensatez muito própria. Concordância entre mim, de mim, para mim. Remetente e destinatário das minhas opções."



Lilith

A Gafe do Criador – IV

Outubro

Resumo da 3ª Parte

Temerosos, os 3 S regressam à Corporação Divina, com as notícias da recusa de Lilith mas, felizmente, são surpreendidos, à chegada, por um motim laboral que os poupa à temida violência do confronto. Evidentemente contrariado, depois de ouvir as notícias, o Criador ordena-lhes que criem uma nova companheira a Adão, extraindo-lhe cirurgicamente uma costela, e assim criam a submissa Eva que inicia então uma idílica e harmoniosa relação com Adão. Mas a notícia depressa se espalha e chega ao conhecimento de Lilith, que não tarda a congeminar a sua vingança, ao ver-se trocada pela bondosa Eva.

Sexto Ato – A Vingança

– Mas quem é esta pindérica? – diz Lilith, sacudindo bruscamente o jornal, ao contemplar a fotografia do casal na primeira página do Diário do Mar Vermelho. – Bibe e chinelo? A bimba rosada… a gorda, mamalhuda, de vassoura em punho. E Adão, de jardineiras, com aquele sorriso imbecil! Ah, mas isto não fica assim. Não, meu caro Adão, voltarás a ficar preso nas minhas garras, mal eu surja no horizonte desse teu romance idílico.

– Mas que ideia a vossa, senhora, deixai o pastor sossegado com a moçoila. Acaso vos falta alguma coisa aqui? – diz Asmodeus, enfastiado.

– E a minha reputação, Asmodeus? Não entendeis que a minha a glamorosa imagem de adultera se estilhaçou em mil pedaços? A estas horas Eva é aclamada pelos passarinhos do Éden e eu, eu, a grande Lilith serei para sempre lembrada como… como…

– Uma rameira.

– Calai-vos Asmodeus, ou ver-vos-eis interditado aos meus entrefolhos por tempo indeterminado.

– Que exagero, senhora. Sabeis como prezo a vossa perfídia e a que sacrifícios me voto todos os dias para vos ter do meu lado.

– Sacrifícios, não é? Basta olhar para o vosso baixo ventre neste preciso momento, para perceber quão sacrificado vos sentis.

– Excitais-me, senhora, e essa vossa ira… ajuda. Vinde a meus braços!

– Calado. Acabou-se a fornicação. Aprontei-vos rapidamente e ide ter comigo à sala de rituais. Tenho de preparar um disfarce. Parto no fim de semana.

Vendo logradas as suas tentativas para consumar a sua décima cópula matinal, Asmodeus levantou-se cabisbaixo e arrastou os pés até à luxuosa casa de banho.

> ***"Não entendeis que a minha a glamorosa imagem de adultera se estilhaçou em mil pedaços?"***

Mais tarde, na sala de rituais, instruiria Lilith a transmutar-se numa belíssima serpente alada, para que pudesse viajar até ao Éden nesse mesmo fim de semana.

Enquanto isso, no Éden:

Eva colhia maçãs no pomar, cantarolando alegremente de cesta ao braço, acenando de vez em quando a Adão, que mugia Ludmila no pátio de sua casa.

Subitamente, ouviu-se uma voz, vinda das profundezas do bosque adjacente ao pomar.

– Evaaaa, doce Eva, vinde até mim, Eva querida, vinde… vinde…

Assustada, Eva olhou em redor mas nada viu. Curiosa, avançou um pouco mais e embrenhou-se no bosque.

– Oh meu Deus, que voz sensual, que estranho tremor sinto no ventre – disse Eva, afrontada de mão sapuda poisada no peito, avançando cautelosamente por entre as árvores. Deu mais alguns passos e parou à escuta, apoiando-se no tronco de uma árvore, um pouco trémula.

Depois, surpreendida por um silvo, olhou para cima e foi então que a viu: uma magnífica serpente, de escamas azuladas descia langorosamente o tronco da árvore, na sua direção.

– Não vos inquieteis, doce Eva, fui eu que vos chamei mas não sou o que pareço. – Dito isto, uma nuvem de bruma envolveu a serpente e logo se desvaneceu, revelando uma lindíssima mulher de longos cabelos ruivos e vestes diminutas.

– Oh, meu Deus, quem sois vós?

– Eu? Eu sou a liberdade, a reflexão do espírito livre aprisionado dentro de vós.

– Aprisionado? Mas eu sou livre e feliz com o meu esposo a quem devo a vida e me devotei de livre vontade. De que espécie de prisão falais?

– Acaso vos disseram que à mulher assiste o direito ao prazer, por exemplo?

– O meu prazer é servir meu esposo, cozinhar e limpar para ele.

– E na cama?

Eva corou e riu baixinho, baixando timidamente os olhos para as mãos.

– Na cama é ele que manda. Choro de alegria e dor ao senti-lo possuir-me como um gigante viril. Não chega?

– Que tonta sois… e orgasmo, nada?

– Or… quê? Não sei do que falais. Ele chama por mim, eu chamo por ele, ele chama por mim, eu chamo por ele e, de repente é como se o Nilo brotasse do seu baixo-ventre. Sinto uma alegria e um alívio imenso logo que o seu corpo se aquieta a meu lado, ofegante e suado.

Lilith aproximou-se lentamente de Eva e baixou a cabeça, cobrindo-lhe o pescoço com os seus cabelos ruivos, encostando o rosto ao seu e tocando-lhe ao de leve nos lábios, com uma longa unha cor de rubi.

– E as mulheres atraem-vos?

Eva arregalou os olhos, e recuou, mas era-lhe simplesmente impossível negar o frenesi que lhe crescia no ventre, com a proximidade de Lilith. Parecia emanar calor e o seu corpo rotundo tremia por dentro, ao ritmo de uma estranha pulsão.

O diabo da mulher.

– Ai senhora, o que me estais fazendo? Sinto-me tão acelerada. Se as mulheres me atraem? Pois não sei, dir-se-ia que sim. Deveria estar a morrer de vergonha mas em vez disso apetece-me beijar-vos até morrer.

– Pois beijai, então.

Dito isto, Lilith selou o pacto com um beijo inebriante, que se teria prolongado por séculos, não fosse a súbita intromissão de Adão.

– Lilith? Eva? Que estais fazendo? Que fatalidade! Julguei ter nascido no Éden e não em Lesbos! Que fazeis vós, minha esposa? Ousais trair-me com a adúltera que me deixou à beira da astenia e da zoofilia? – Dito isto arrancou Eva dos braços de Lilith, arrastando-a pelos cabelos até aos portões do Éden.

– Ide-vos, ide-vos para sempre, rameira pudica, procurai abrigo num santuário de lésbicas, pois nele certamente não fingireis orgasmos.

– Senhor, tende piedade de mim, não sei o que me deu, a mulher é diabólica; não tive a mínima hipótese. O corpo traiu-me. É bem mais interessante que vós, é um facto. O meu coração ficará para sempre convosco. Mas é melhor assim, aguarda-me verdadeira luxúria e prazer, algo impraticável naquele catre medonho. Lilith abriu-me os olhos.

– Dito isto, deitou-lhe a língua de fora num acesso de irreverência inédito e virou costas afastando-se, bambolean-

te, a cantarolar o Dominatrix.
Adão regressou ao local onde Lilith o aguardava, lubricamente encostada a uma árvore.
– Finalmente percebestes com quem vos envolvestes. Jamais subestimeis a modéstia das pudicas. Essa é mais uma lição que tereis de aprender neste jardim de imbecilidade vitalícia. Sabeis porque aqui estou?
Ainda abalado pelo choque mas visivelmente estimulado pela presença de Lilith, Adão balbuciou:
– Não por amor, certamente. A vossa perfídia perturba-me profundamente Lilith. Que pretendeis vós, destabilizar-me, voltar a destruir a minha vida?
– Ora, meu caro Adão, libertei-vos de uma esposa lésbica. Não sejais ingrato. Sois de novo livre para amar e ser amado por quem vos saiba igualar na impetuosidade. Vinde até mim, maganão, que vos vejo necessitado de umas belas horas de sexo selvagem.
Adão deixou escapar um gemido gutural e mergulhou nos braços de Lilith, desaparecendo ambos numa cama de fetos durante horas.

Na Corporação Divina, o Criador aguardava o briefing mensal de Adão, mas as horas passavam e Adão não dava sinal de vida.
Algo de errado se passa. Adão já deveria cá estar. Eu próprio irei procurá-lo, disse para consigo mesmo, vestindo o seu impecável sobretudo de nuvens, feito por medida e ligando o intercomunicador.
– Gabriel, preparai-me a quadriga Audi e chamai o motorista com urgência.
– Sim, senhor. Tê-la-eis à porta dos escritórios dentro de cinco minutos.
Quinze minutos depois a quadriga parava junto da cabana de Adão.
No interior a sopa fervia há horas e no exterior apenas Ludmila o saudou, com um bramido desanimado.
Onde estarão aqueles dois?
Desceu os degraus de pedra até ao pomar e olhou em redor.
– Adão! Onde estais? Recordo-vos que deveríeis estar na Corporação a fazer-me o briefing mensal dos progressos da vossa relação com Eva. Onde estais, homem?
Depois, ouviu uns gemidos vindos do bosque.
– Seu malandro, vejo que estais em sessão de formação. – Dito isto, avançou até ao local onde ouvira os gemidos, surpreendendo Lilith e Adão em plena cópula, com os corpos suados, salpicados de erva e folhas secas.
– Lilith, aqui? Onde está Eva, Adão?
– Expulsei-a. Era lésbica. Lilith voltou

"Adão deixou escapar um gemido gutural e mergulhou nos braços de Lilith, desaparecendo ambos numa cama de fetos durante horas."

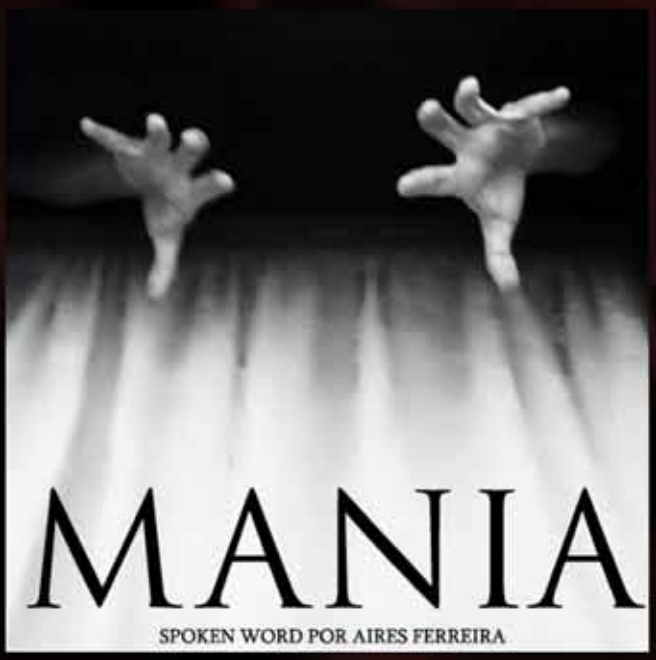
e abriu-me os olhos.
– Bem vejo que sim? Sabeis os prejuízos que me estais a causar?
– Senhor, comigo gastastes clorofórmio e pouco mais, quem ficou sem uma costela fui eu, e para dizer a verdade não me faz grande falta.
– E o tempo, a quebra de produtividade, as despesas de viagem dos 3S e o projeto de engenharia genética? Acaso entendeis as implicações da vossa ação irrefletida?
– Não entendo… nem… quero… entender… Senhor… há… muito… tempo… que… não… fazia… am.... ah… ah… ahhhh… Liliiiiiith!
– Parai imediatamente com isso! Já imediatamente!
Adão, ainda ofegante e desgrenhado, virou-se lentamente e disse:
– Em cima da hora!
Furioso, o Criador estendeu um dedo e disse:
– Rua! Rua daqui. Ide-vos embora, já, imediatamente. Dispenso os vossos serviços...
– E a indemnização, senhor? Todos estes anos ao vosso serviço...
– Qual indemnização? É preciso ter lata. Nem mais uma palavra ou sereis alvo de um processo disciplinar que vos impedirá de procriar ou guardar cabras seja onde for nos meus domínios, nos próximos dez anos.
Lilith, perfeitamente consciente do seu êxito, sentou-se, balbuciando teatralmente:
– Mas que castigo cruel, Senhor. A culpa foi minha! Fui eu que quis voltar. Por favor, senhor, não me expulseis do Éden. Não saberia o que fazer no Mar Vermelho depois disto.
– Não. Vós sereis poupada.
– Ah sim?
– Andor pastor – disse o Criador, dirigindo-se Adão que se afastou apressadamente, virando-se depois para Lilith de olhos cintilantes. – Sim. Necessito dos vossos serviços. Acabo de concluir que daríeis uma excelente diretora de recursos humanos. De hora avante cumpre-vos recrutatar os melhores e expulsar indesejáveis. Começaremos tudo de novo. O nosso projeto de engenharia genética será um êxito.
– E os prejuízos…?
– Minha cara Lilith, mal vos reconheço. Temos o erário dos Céus ao nosso dispor. – Lilith sorriu. Velho asno.
– Bom, nesse caso, cuidareis certamente para que não fique a morar naquele casebre horrendo…
– Não vos inquieteis. Tereis um apartamento, com vista para o mar, à vossa disposição na Zona Alta do Éden, em troca de uns serviços extra curriculares, em horário noturno.
– Salário e comissões?
– Sem limitações. Tratei de modificar os estatutos internos de conformidade. Afinal de contas, tenho assessores bem mais incompetentes que vós, que já beneficiam de todas essas regalias. Família e amigos… faço-me entender? Uma obrigação a que nenhum homem com o meu poder e o meu estatuto se poderia furtar, pelo menos no imediato. Graças a isso mantenho todas as alianças necessárias com o Inferno. Além disso, tenho-vos a vós para os pôr com dono se necessário for.
– Senhor, como vos poderei jamais agradecer?
– Ora, cara Lilith, obedecendo-me, pois então… sabeis muito bem como funcionam esses pactos. Eterna obediência é tudo o que vos peço.

FIM •

Necrosymphonic Entertainment

messing with your head since 2003

O poder da palavra está mais forte do que nunca.



Descobre todo um universo do intelecto transgressivo em:

www.necrosymphonic.com